

CLARISSA MELLO, PAULA FIORITO, MÁRCIO GARCIA, TARCÍSIO LIMA, GABRIEL COSTA,  
RODRIGO PRADO E DANIEL SORANZ

# DIRETO PRO (A) BRAÇO

A RESPOSTA DO RIO DE JANEIRO  
À PANDEMIA DE COVID-19



Este livro é dedicado a todas as pessoas que nos deixaram, àquelas que perderam alguém que amavam e àquelas que arriscaram as próprias vidas em prol da saúde pública durante a pandemia de covid-19.

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Elaborado por Francijane Oliveira da Conceição, CRB7 6223)

D598d

Direto pro (A)braço : a resposta do Rio de Janeiro à pandemia de covid-19. / Mello, Clarissa ... [et al.]. \_ Rio de Janeiro : Secretaria Municipal de Saúde, 2023.

142p. : il.

ISBN: 978-65-00-59703-5

1. Covid-19 - prevenção & controle. 2.Saúde Pública. I. Mello, Clarissa

CDU 614.4

## **Expediente**

### **Idealização**

Marcio Henrique de Oliveira Garcia  
Paula Fiorito de Campos Ferreira  
Rodrigo de Sousa Prado  
Daniel Soranz

### **Textos**

Clarissa Moreira Mello  
Tarcísio Valente Lima  
Gabriel Chagas Costa

### **Revisão**

Cláudia O. F. Ferrari Quadros  
Marcio Henrique de Oliveira Garcia  
Patricia Cardoso Avolio  
Paula Fiorito de Campos Ferreira

### **Edição**

Clarissa Moreira Mello  
Gabriel Chagas Costa

### **Coordenação editorial**

Clarissa Moreira Mello  
Marcio Henrique de Oliveira Garcia  
Paula Fiorito de Campos Ferreira

### **Fotografia**

Beth Santos  
Edu Kapps  
Rafael Wallace

### **Projeto gráfico e diagramação**

Joanna Chigres

### **Capa**

Joanna Chigres (arte)  
Rafael Wallace (foto)

### **Colaboração**

Aluísio Bispo  
Ana Paula Rangel  
Aristóteles de Queiroz  
Betina Durovni  
Bruna Campos  
Bruno Almeida de Moura  
Caio Luiz Pereira Ribeiro  
Carlos Alberto de Oliveira  
Caroline Dias Ferreira  
Carolina Monteiro da Costa  
Cláudia O. F. Ferrari Quadros  
Daniel Lopes da Mata  
David Tebaldi  
Débora Medeiros de Oliveira e Cruz  
Elaine Duim  
Eugenio Luiz de Araujo Júnior  
Fabricio Maciel  
Felipe de Carvalho Vommaro Marincola  
Flavio Dias  
Gerson Penna  
Gislani Mateus Oliveira Aguiar  
Igor Zainotte  
João Marcelo de Souza Alves  
João Roberto Cavalcante Sampaio  
José Cerbino Neto  
Luciana Freire de Carvalho  
Luciana Phebo  
Nadja Greffe  
Oswaldo Gonçalves Cruz  
Patricia Cardoso Avolio  
Rodrigo de Mattos da Silva  
Rodrigo Fabiano do Carmo Said  
Rodrigo Frutuoso  
Rivaldo Venâncio  
Roberto Rangel  
Tatiane Caldeira dos Santos de Salles  
Thais Irene Souza Riback  
Valeria Saraceni  
Vitor Martins

# Prefácio

A pandemia de covid-19 trouxe inúmeros desafios que o poder público precisava enfrentar e a saúde estava no centro das decisões. Distanciamento social, uso de máscaras, novos protocolos, fechamentos e abertura de setores da economia. Tudo passava pela saúde, com a ciência como norte de todas as decisões. E foi isso o que me levou, entre 2021 e 2022, a falar praticamente todos os dias com o secretário municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Daniel Soranz.

Não é exagero. Foi a necessidade imposta pela situação. No início, ainda sem vacina ou mesmo medicamentos comprovadamente eficazes, a informação era fundamental para nortear a população em muitos aspectos. Minimizar riscos, alertar para a capacidade de internação dos hospitais e o aumento dos casos da doença. De uma hora para outra, viramos especialistas em gráficos e curvas.

Questionar, cobrar, explicar... foi um trabalho incansável da imprensa, autoridades e especialistas para informar e ajudar a corrigir rumos, sempre de olho nos avanços da ciência. No “front de batalha”, profissionais de saúde conviviam com a sobrecarga de trabalho, medo e muitas mortes. O Rio teve uma das mais altas letalidades por covid-19 do país.

Diante de um Ministério da Saúde paralisado, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) havia perdido sua capacidade demonstrada em campanhas no passado e respondia lentamente às demandas em um momento de extrema importância. Os gestores municipais precisaram assumir o protagonismo para salvar vidas.

Quando a vacinação finalmente teve início, no começo de 2021, o Rio adotou medidas que depois foram seguidas pelo próprio Ministério e por outras capitais. Cada

decisão do comitê científico que reunia especialistas em saúde podia mudar a vida da população e, portanto, precisava ser comunicada com transparência. Tudo, naquele momento, era novo e polêmico.

Mesmo em um país acostumado a campanhas de vacinação, essa era diferente. Novas vacinas, escassez de doses, prioridades, filas, fura-filas, vacina de vento, reforço, novo reforço, combinação de imunizantes e fake news. As notícias falsas e o movimento antivacina se provaram uma grave ameaça à saúde pública. Eram muitos os assuntos que precisavam ser esclarecidos à exaustão. Cada novo calendário divulgado pela Prefeitura ganhava destaque em todos os veículos de comunicação. Era o significado de alívio e esperança para mais uma faixa etária. Nesse enfrentamento, houve acertos e erros.

Este livro mostra como a Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura do Rio Janeiro reagiu a este momento que marcou a vida de cada um de nós. Essa é uma história em andamento. Ainda não há um ponto final. Especialistas afirmam que vamos conviver com o SARS-CoV-2. É certo também, segundo os cientistas, que não foi a última pandemia. O que aprendemos até aqui será usado para salvar vidas no futuro. E se a ciência descobrir uma vacina ainda melhor... eu vou correr pro abraço!

**Edimilson Ávila**  
Jornalista

# SUMÁRIO

---

- 12** Apresentação
- 14** **CAPÍTULO 1**  
Braços abertos sobre a Guanabara
- 22** **CAPÍTULO 2**  
Ondas de um mar agitado
- 40** **INTERLÚDIO I**  
(Mais) um longo ano
- 42** **CAPÍTULO 3**  
Viva o SUS: a organização da resposta
- 60** **INTERLÚDIO II**  
O de hoje tá pago
- 62** **CAPÍTULO 4**  
Direto pro (a)braço
- 88** **CAPÍTULO 5**  
Héreis de todo dia
- 102** **INTERLÚDIO III**  
*A petit mort* do assessor
- 106** **CAPÍTULO 6**  
O Zé Gotta ficou maluco
- 124** **CAPÍTULO 7**  
40 graus: O Rio volta à ebulição
- 138** **EPÍLOGO**  
Vida que segue

# Apresentação

A chegada da covid-19, para muito além da História, ficará marcada pelas profundas mudanças que trouxe às nossas vidas. Para nós, que atravessamos esses anos, não é possível considerar os acontecimentos deste final e início de década “simplesmente” como parte de um processo biológico, social, econômico e evolucionário a ser registrado e esmiuçado pelos acadêmicos ao longo dos anos.

Afinal, cada um de nós é testemunha ocular de como a pandemia marcou as vidas das diversas gerações, povos, culturas e indivíduos que dividem o planeta neste momento. Na prática, é quase impossível encontrar alguém que não tenha sido diretamente afetado de alguma forma por todos os fatos e desdobramentos que se seguiram desde os primeiros casos da doença. Vidas perdidas, recuperações sofridas, novas formas de se relacionar, passar o tempo, trabalhar e conviver. Novas formas de ver o mundo.

Assim, a ideia central deste livro não é apresentar um panorama enciclopédico sobre a resposta do Rio de Janeiro à pandemia, mas sim registrar, por meio de recortes direcionados a momentos-chave desse período, aquilo que passamos, para que toda a incerteza, angústia e superação venham a servir como lições aprendidas para o futuro.

A pandemia evidenciou, que, no planejamento em saúde pública, deixar de lado o histórico de ações já realizadas é um erro drástico e, muitas vezes, fatal. Mas artigos acadêmicos nem sempre contam a história de uma forma que possibilite a reflexão em um escopo mais amplo.

Por isso, mais do que apresentar as ações desenvolvidas no município do Rio, buscamos aqui retratar como esse período mudou e marcou a rotina e perspectivas de tantas pessoas. Além, é claro, de evidenciar o trabalho incansável e indispensável dos trabalhadores da saúde nesse momento crucial.

Começamos por uma visão geral da pandemia, a partir da primeira vacina aplicada contra a covid-19 no Rio, aos pés do Cristo Redentor. Passamos pelas ruas vazias, pela guerra de discursos e narrativas e pela mobilização inicial em conter uma ameaça invisível e, até então, desconhecida.

Avançamos pela epidemiologia, mas não com o olhar apurado de um perito que se debruça exaustivamente sobre todos os números, e sim como um meio para compreender as ações implementadas, a cada momento, para salvar o máximo de vidas no menor tempo possível. Abordamos a gestão em meio à crise, as ações nos diversos níveis de atenção à saúde, a retomada de investimentos e a valorização de segmentos que, até então, tinham pouca visibilidade.

Trazemos a perspectiva de profissionais que compartilharam a experiência de estar à frente (e na ponta) das ações de resposta à pandemia na cidade do Rio — sem esquecer que, diante de tamanha responsabilidade, eles e elas também são pessoas. Narramos, ainda, as ações de Comunicação e Saúde adotadas ao longo desse período no município, incluindo o retorno do Zé Gotinha como figura central em defesa da vacina e as estratégias de sucesso para atingir o público nas mídias sociais.

Por fim, apresentamos o início da retomada de uma então quase nostálgica “normalidade” - ou o mais próximo possível disso, sempre sob o olhar atento de especialistas que monitoram a situação.

A covid-19 ainda é uma realidade. A partir da experiência e aprendizado reunidos ao longo desses anos, no entanto, é possível encará-la não mais como uma tragédia imprevisível, e, sim, como mais um desafio, dentre tantos outros, à perseverança humana.

Que as histórias presentes nesse livro possam ser lembradas não apenas como representações de um passado indesejado, mas, também, como uma forma de olhar para frente e pensar, sempre, que dias melhores virão.

# 1 BRAÇOS ABERTOS SOBRE *a Guanabara*

Foto: Edu Kapps





**“Mas é claro que o sol  
vai voltar amanhã  
Mais uma vez, eu sei  
Escurecimento já vi pior, de  
endoidecer gente são  
Espera que o sol já vem”**

(Renato Russo, Mais Uma Vez)

— Graças a Deus, a vacina está chegando.

As palavras de Dulcinéia da Silva Lopes, profissional da linha de frente do enfrentamento à pandemia na cidade do Rio e segunda pessoa a ser vacinada no município, refletiam o anseio de milhões de outras naquela tarde de 18 de janeiro de 2021, no alto do Corcovado.

Toda a esperança carioca, naquele momento, estava nas mãos da enfermeira Adélia Maria dos Santos e do primeiro-tenente bombeiro Angelo Batista da Silva. Era o início da vacinação contra a covid-19 no Rio de Janeiro.

O simbolismo da situação não se limitava à silhueta dos braços abertos do ícone máximo da cidade sobre a cena, mas também estava personificado nas pessoas que protagonizaram o acontecimento. Adélia é servidora da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) desde 1979 e foi uma das fundadoras do Programa de Imunizações do município do Rio.

Devido à pressão alta e diabetes, trabalhava remotamente desde os primeiros dias da pandemia. Aos 71 anos, essa profissional de modos gentis, mas assertivos, olhos atentos e curiosos por trás dos óculos e máscara cirúrgica, foi novamente pioneira de um momento histórico ao aplicar a dose inicial contra a covid-19 na cidade do Rio no braço direito de Teresinha da Conceição, en-



**Dulcinéia da Silva Lopes e Teresinha da Conceição receberam as duas primeiras doses de vacina contra a covid-19 no Rio de Janeiro, aplicadas pelos enfermeiros Adélia Maria dos Santos e Angelo Batista da Silva | Foto: Edu Kapps**

ção com 80 anos, moradora do Abrigo Cristo Redentor, em Higienópolis.

À primeira vista, tudo o que Angelo, oficial enfermeiro do Corpo de Bombeiros Militar do Estado, uma figura alta e delgada, tinha em comum com Adélia eram os óculos de grau com armação escura e a atitude afável. Mas o compromisso e zelo com a saúde da população que o profissional, em atuação desde 2012 na Secretaria

de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, também compartilhava com a colega veterana foram evidenciados no ato da vacinação de Dulcinéia, ela própria, uma profissional da área.

Técnica de enfermagem, então com 59 anos, Dulcinéia, naquele momento, já contabilizava oito meses em contato direto com pacientes na ala de covid-19 do Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, referência no tratamento da doença na cidade do Rio.

Após a vacinação, com doses de CoronaVac trazidas de São Paulo, Dulcinéia se mostrou exultante diante da multidão agitada de profissionais da imprensa que registrava o momento icônico. A atitude contrastava com a hesitação de Teresinha diante da movimentação e gritos dos jornalistas, ávidos por um registro exclusivo. Mas, assim como Adélia e Angelo, as duas mulheres traziam um brilho característico no olhar. Comoção, mas também alívio.

Aquelas foram as primeiras de milhões de doses de vacina a serem aplicadas na cidade do Rio ao longo dos meses que se seguiram. Tempos marcados por muita expectativa, entremeada por vitórias, frustrações, lágrimas e sorrisos. E pela saudade daqueles que se foram desde o início da pandemia.



Em breve discurso após a cerimônia de vacinação, o prefeito do Rio, Eduardo Paes, vestindo uma blusa social simples em tom verde-escuro, com as mangas dobradas até os cotovelos, máscara facial preta e olhar firme, quase obstinado, reforçou a percepção de que aquele momento traduzia uma esperança que, aos poucos, se tornava realidade.

**Adélia dos Santos, uma das fundadoras do Programa de Imunizações do município do Rio, é servidora da Secretaria Municipal de Saúde desde 1979 | Foto: Fernando Silva**

— Têm sido meses muito duros na vida dos brasileiros, do mundo inteiro. E a gente entende que a vacina é uma luz no fim do túnel — declarou Paes. Mas, sabendo se tratar de um estágio ainda incerto da pandemia quanto ao que viria a seguir, o mandatário não se furtou em deixar um recado e também um apelo — Até lá, respeitem as regras. Respeitem o uso da máscara. Busquem não se aglomerar, para



impedir que essa doença se espalhe e que mais vidas sejam perdidas.

Ainda não era conhecido, naquele momento, um cronograma efetivo de vacinação e entrega de doses por parte do Ministério da Saúde. Mal sabíamos que, ainda em 2021, o município do Rio alcançaria uma cobertura vacinal recorde com a primeira dose contra a covid-19, avançando também na segunda aplicação e dose de reforço.

Mas como chegamos até ali? O que levou um vírus desconhecido a mudar a rotina e a história de toda a humanidade? As ruas desertas, a necessidade de distanciamento e uso de máscaras para evitar o contágio, a produção da vacina em tempo recorde, os erros e acertos diante de uma pandemia implacável, até então, faziam parte apenas dos livros e roteiros de ficção. Agora, compunham uma realidade que se desdobrava, dia a dia, minuto a minuto, bem diante de nossos olhos.

**Acima: visão aérea da cerimônia simbólica de início da vacinação contra a covid-19 no Corcovado | Foto: Rafael Wallace**  
**À direita: a técnica de enfermagem Dulcinéia Lopes, uma das primeiras pessoas vacinadas no município, e o oficial enfermeiro Angelo da Silva, um dos primeiros vacinadores, aos pés do Cristo Redentor. Ao fundo, é possível ver o arcebispo do Rio, cardeal Orani João Tempesta, e profissionais da Arquidiocese e imprensa | Foto: Edu Kapps**



Foto: Rafael Catarcione

# 2 ONDAS DE UM *mar agitado* Ø

**“Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa, tudo sempre passará  
A vida vem em ondas  
Como um mar  
Num indo e vindo infinito”**

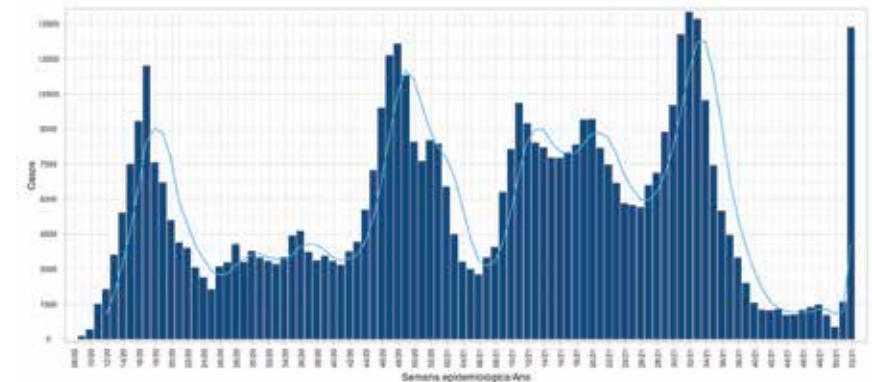
(Lulu Santos, Como Uma Onda)

**E**m 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) registrou o primeiro alerta sobre um tipo de pneumonia causada por um patógeno até então não identificado. Os primeiros casos de infecção pelo vírus SARS-CoV-2 na cidade de Wuhan, na província chinesa de Hubei, deram os sinais iniciais a uma comunidade global ainda hesitante em absorver a dimensão do que estava por vir.

Nesse momento, acontecimentos de grande impacto midiático dos dois lados do Atlântico, como o primeiro processo de impeachment do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e a renúncia à realeza britânica do príncipe Harry e sua esposa, a duquesa Meghan Markle, monopolizavam a atenção da imprensa ocidental.

Mas os fatos se impuseram. Conforme o surto inicial na China evoluiu para a classificação de emergência de saúde pública de importância internacional, em 30 de janeiro de 2020, a cobertura sobre o que ainda era conhecido predominantemente como o “novo coronavírus” ganhou espaço no noticiário, enquanto o registro de casos da doença aumentava rapidamente em nível global. A onipresente dúvida “será que vai chegar aqui?” era respondida de forma gradual, mas inescapável.

Por se tratar de um vírus respiratório, a capacidade de



transmissão e a consequente dificuldade de controle da disseminação do SARS-CoV-2 levaram a uma rápida evolução dos casos pelo mundo.

**Curva epidemiológica com as primeiras “ondas” de contágio da covid-19 no Rio de Janeiro (Fonte: EPI-Rio/e-SUS VE)**

De forma geral, é possível dividir o avanço de uma epidemia em um determinado território em três fases. A primeira, com a inserção de casos importados da doença, ou seja, de pessoas que tiveram contato com o vírus em outras regiões e depois viajaram para o local em questão.

A segunda fase inclui casos de transmissão local entre pessoas que tiveram contato com os casos importados da primeira. Isso significa que os casos ainda são limitados àqueles que viajaram a locais com transmissão do vírus e àqueles que tiveram contato com tais viajantes.

Por fim, a terceira fase envolve a transmissão comunitária do vírus, quando já ocorrem casos autóctones, em que não é mais possível determinar um vínculo epidemiológico específico para o contágio, como um contactante que tenha viajado a locais com exposição ao vírus, por exemplo.

A confirmação do primeiro caso de covid-19 no Brasil, importado da Itália, veio de São Paulo no final de fevereiro. Após poucos dias, era confirmado o primeiro

## Primeiras fases

2019

31 de dezembro

A Organização Mundial da Saúde (OMS) registrou o primeiro alerta sobre um tipo de pneumonia causada por um vírus até então não identificado.

2020

30 de janeiro

China evoluiu para a classificação de emergência de saúde pública de importância internacional.

Fevereiro

Confirmação do primeiro caso de covid-19 no Brasil, em São Paulo.

Março

OMS anuncia que a doença alcançou o status de pandemia.

caso no estado do Rio de Janeiro e, em seguida, na capital, em 6 de março. Menos de uma semana depois, no dia 11, a covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Isso significava que, naquele momento, surtos simultâneos da doença aconteciam por todo o planeta.

Na cidade do Rio, tinha início o último ano de uma gestão municipal marcada por crises, inclusive na área da saúde. As primeiras medidas oficiais da Prefeitura, naquela época, em resposta ao avanço da covid-19, vieram por meio de um plano de contingência, publicado em Diário Oficial no dia 6 de fevereiro<sup>1</sup>, baseado nas diretrizes do Ministério da Saúde e da OMS. O documento orientava a reserva de leitos da rede municipal, o gerenciamento de estoques estratégicos de insumos como máscaras, luvas, óculos de proteção e saneantes, e o treinamento de profissionais quanto aos critérios de definição de caso suspeito, fluxos de notificação e coleta de amostras laboratoriais, além de planos de atividades em resposta correspondente aos níveis de alerta, perigo iminente e emergência em saúde pública de interesse nacional.

A partir de 16 de março, o Governo do Estado do Rio de Janeiro suspendeu, por 15 dias, os eventos e atividades com a presença de público, visitas a pacientes internados com covid-19 e as aulas nas redes pública e privada, inclusive de nível superior. A transmissão comunitária em todo o território nacional foi anunciada três dias depois pelo Ministério da Saúde.



Em 11/03/2020, a OMS anunciou que a covid-19 alcançou o status de pandemia | Reprodução Twitter

Nesse momento, a expectativa geral era de que o coronavírus se provasse uma crise grave, mas passageira, desde que tratada com a devida seriedade. Diversos países já haviam determinado o fechamento do comércio e escolas, entre outras medidas que restringiam a circulação de pessoas. As ruas vazias da capital fluminense refletiam o que se via em Nova York, Roma, Pequim. A orla de Copacabana, sem barracas, turistas ou esportistas, tornava deserto um dos cartões postais do Rio. Cenas de uma cidade que fechou para se proteger.

A Prefeitura do Rio, ainda na gestão anterior à de Eduardo Paes, anunciou a criação de um gabinete de crise e, 15 dias após o primeiro caso de transmissão local, o lançamento do Painel Rio COVID-19, com o monitoramento dos casos; número de pessoas internadas e o número de vítimas fatais da doença no município.

Uma das formas de prevenção mais prevalentes ao longo da pandemia, a máscara de proteção facial passou a ser utilizada de forma mais ampla a partir de



<sup>1</sup> O documento ainda viria a ser regulamentado pelo Decreto Municipal nº 47246, de 12 de março de 2020.

abril. A própria OMS, a princípio, não reconheceu a necessidade de uso generalizado. Um dos motivos, naquele momento, era a possibilidade de escassez dos equipamentos de proteção individual (EPIs) para uso pelos profissionais de saúde em atuação na resposta à pandemia.

No Rio, a obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção facial foi determinada em 18 de abril de 2020, com vigência a partir de 23 de abril, pouco mais de um mês após o decreto das primeiras medidas contra a covid-19.

Conforme o tempo passava e instalava-se a percepção de que a situação duraria mais do que as poucas semanas ou meses citados nos prognósticos iniciais, as máscaras ficaram onipresentes nas ruas e corredores cariocas, e em todo o mundo, ainda que usadas com níveis variados de disciplina. E, como seria de se esperar, também passaram a ser encaradas (e vendidas) como item *fashion*, em diferentes cores, estampas temáticas de times ou franquias da cultura pop.

Enquanto aumentavam os casos de contágio e óbitos, pelo Brasil e pelo mundo, também fervilhavam teorias conspiratórias. Diante do cenário surreal, notícias verdadeiras e falsas se misturavam. Gráficos, curvas e conceitos complexos, antes restritos às aulas de epidemiologia e laboratórios, invadiram nossas casas. Taxas de mortalidade, letalidade, velocidade de contágio, médias móveis, muitos números e muitas interpretações diferentes.

**Ruas vazias, devido à necessidade de distanciamento social, na Inglaterra (topo), Itália (direita) e Brasil (página seguinte) | Fotos: Marton Kerek (Londres). VILTVART (Milão) e Renata Xavier (Rio de Janeiro) / Shutterstock**







O que parece simples aos olhos de cientistas, médicos e acadêmicos nem sempre é compreendido de imediato pela sociedade. Assim, a divulgação científica precisou avançar para se aproximar da população, em um caminho que ainda trilhava os primeiros passos após deixar de engatinhar e ficar de pé. E, obviamente, ainda tomando vários tombos pelo caminho.

Aplicativos de mensagem instantânea e redes sociais provaram-se um terreno fértil para que especialistas com linguagem mais didática e algum traquejo diante das câmeras logo assumissem a popular condição de influenciadores digitais. Mas o inverso também ocorreu: pessoas leigas, mas carismáticas, bem ou mal-intencionadas; oportunistas e charlatões pipocaram nos smartphones, telas e monitores de um público que, pela necessidade de distanciamento físico, tornava-se mais dependente das facilidades do meio virtual.

— Um dos principais problemas nessas situações, com a velocidade da vida digital, são os "especialistas", entre aspas, porque, de repente, nós tínhamos muitas pessoas dizendo que sabem tudo sobre uma doença a qual ainda conhecíamos muito pouco — pontua o médico Gerson Penna, ex-diretor da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em Brasília.

A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) registrou um aumento entre 40% e 50% no uso da internet no Brasil ao longo dos primeiros meses de 2020 e, em 15 de março, anunciou uma série de iniciativas, articuladas junto a provedores de conteúdo na rede, para buscar garantir que os serviços suportariam a demanda gerada pelo trabalho remoto e outras mudanças no perfil de uso<sup>2</sup>.



Os questionamentos eram muitos e as respostas, até então, escassas. No Brasil, a incerteza encontrou o contraponto das décadas de experiência do Sistema Único de Saúde (SUS) e o apoio irrestrito e incansável da ciência.

<sup>2</sup> Compromisso Público para a Manutenção do Brasil Conectado (Anatel).

As medidas implantadas tinham o objetivo de evitar a sobrecarga dos serviços de saúde, ainda que, muitas vezes, fossem recebidas de forma controversa. Cenas do colapso do sistema de saúde italiano rodavam o mundo. A trágica marca de mil mortes por dia assombrava os prognósticos.

As taxas de ocupação de leitos na rede de saúde nunca antes foram acompanhadas tão de perto pela população, imprensa e até mesmo pelas próprias autoridades. A exibição diária nos principais noticiários de TV aproximou a sociedade dos dados. Por diversos momentos, nos meses seguintes, a ocupação de leitos, especialmente os de UTI, chegaria perto dos 100%.

Em 16 de março de 2020, foi realizado o primeiro teste de uma vacina contra a covid-19 em humanos em Seattle, um dos estados mais afetados pela doença nos EUA, onde 45 pessoas receberam a dose experimental.

Hospitais criaram alas específicas para internação de pacientes infectados pela covid-19, com alto risco de contágio | Foto: Edu Kapps



No mesmo mês, a China anunciou o início dos testes de sua própria vacina. Naquele momento, estava previsto um período de 12 a 18 meses até que a vacina fosse disponibilizada para a população em geral. Ou seja, em teoria, esse momento chegaria somente a partir de março de 2021, no mínimo.

Em paralelo ao desenvolvimento da vacina, drogas já utilizadas para o tratamento de outras doenças começaram a ser testadas em pacientes com covid-19. Um processo que deveria ser encarado com rigor científico se transformou em campo de batalha, onde dados empíricos esbarravam na defesa anedótica de medicamentos e métodos sem eficácia comprovada contra a doença.

Embora muitas tenham sido as medicações testadas, nenhum caso foi mais emblemático do que o da cloroquina e sua variação hidroxicloroquina, medicamentos indicados, sob receita, para o tratamento de malária e doenças autoimunes, como artrite reumatoide e lúpus eritematoso sistêmico.

No dia 19 de março, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump desafiou conselhos de especialistas ao declarar que a cloroquina e a hidroxicloroquina mostravam “resultados preliminares muito encorajadores” contra o SARS-CoV-2, que chamou de “vírus chinês”.

— **A parte boa é que elas existem há bastante tempo, então sabemos que, se as coisas não saírem como planejado, isso não vai matar ninguém — disse Trump, em pronunciamento à imprensa estadunidense<sup>3</sup> — Quando você procede com uma substância totalmente nova, não sabe se isso vai acontecer, são necessários longos testes. Mas essas foram usadas sob diferentes formas, são substâncias poderosas sob diferentes formas, que mostraram resultados preliminares muito encorajadores e que poderemos disponibilizar quase imediatamente.**

As palavras escolhidas pelo magnata, apresentador e



<sup>3</sup> Veja o vídeo do pronunciamento de Donald Trump.



<sup>4</sup> Um homem morreu e sua esposa foi hospitalizada em Phoenix, Arizona, após ingerirem fosfato de cloroquina.



<sup>5</sup> Estudo publicado na revista científica BMJ foi substituído pelo aviso de que o instituto responsável seria responsabilizado criminalmente por violação da ética hospitalar.



45º presidente dos EUA provaram-se infelizes. Poucos dias depois, um homem de 60 anos morreu e sua esposa, da mesma idade, foi hospitalizada em Phoenix, Arizona, após ingerirem fosfato de cloroquina, um composto utilizado na criação de peixes em aquário que tem propriedades diferentes dos medicamentos citados<sup>4</sup>.

Em abril, o presidente francês, Emmanuel Macron, afirmou que seu governo estava monitorando os testes coordenados pelo microbiologista Didier Raoult, que propunha o uso da hidroxicloroquina em conjunto com o antibiótico azitromicina no tratamento da covid-19. Posteriormente, Raoult viria a ser investigado disciplinar e criminalmente por práticas de pesquisa inadequadas e violação da ética hospitalar<sup>5</sup>.

Um estudo realizado por pesquisadores do hospital universitário francês Raymond Poincaré também chegou a ser divulgado com a recomendação do uso associado de hidroxicloroquina e azitromicina para o tratamento de pacientes com covid-19. O trabalho, que inicialmente

**O presidente dos EUA, Donald Trump, desafiou a ciência ao declarar que a cloroquina e a hidroxicloroquina apresentavam “resultados preliminares muito encorajadores” contra o SARS-CoV-2 | Reprodução YouTube**

teve grande destaque na mídia e redes sociais, não foi aceito em nenhum periódico científico, nem certificado pela revisão de pares, diante de questionamentos por questões metodológicas como o baixo número de pacientes avaliados.

Diante de novos estudos publicados em revistas científicas como BMJ, Journal of the American Medical Association (JAMA) e New England Journal of Medicine, e indicativos de que tais medicamentos não só não demonstraram eficácia real em termos estatísticos como, em alguns casos, agravavam o quadro de pacientes submetidos ao tratamento, o artigo francês foi retirado do ar pelos autores, que pediram que ele não fosse mais citado em publicações científicas<sup>6</sup>.



<sup>6</sup> Estudo francês com recomendação de uso associado de hidroxiclороquina e azitromicina para tratamento de covid-19 recebeu o aviso de que não deveria ser usado como guia de práticas clínicas.

## A reboque, a “infodemia”

Ciência e política travavam um cabo de guerra frente a uma sociedade dividida. As estruturas de comunicação dos órgãos públicos e imprensa tiveram que elevar os esforços. Em 14 de abril, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou uma iniciativa para abastecer a rede mundial de computadores com fatos e informações seguras, em resposta ao que a OMS definira como “infodemia”: um excesso de informações, em circulação ininterrupta, que dificulta o discernimento da população sobre quais seriam as fontes idôneas e orientações confiáveis em relação à pandemia ou outros temas.

Em 25 de maio de 2020, a OMS decidiu suspender, pela primeira vez, os testes relacionados ao uso da cloroquina e da hidroxiclороquina para tratamento da covid-19. No Brasil, o Ministério da Saúde havia publicado, cinco dias antes, o documento Orientações para Manuseio Medicamentoso Precoce de Pacientes com Diagnóstico da covid-19<sup>7</sup>, que apresentava, como únicos protocolos medicamentosos, “mediante o livre consentimento esclarecido”, o difosfato



<sup>7</sup> Orientações do Ministério da Saúde para Manuseio Medicamentoso Precoce de Pacientes com Diagnóstico da covid-19.



<sup>8</sup> Recomendação nº 042 do Conselho Nacional de Saúde, de 22 de maio de 2020.

de cloroquina ou sulfato de hidroxiclороquina, ambos associados à azitromicina, por 14 dias, para pacientes com sintomas leves, moderados ou graves da doença, sem variações nas doses indicadas.

O documento foi alvo de respostas do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass), que, por meio de notas, reiteraram a falta de evidências científicas robustas que sustentassem a indicação de quaisquer medicamentos específicos para a covid-19.

“A adoção da cloroquina/hidroxiclороquina é uma decisão política tomada por não especialistas em saúde”, ressaltou o CNS na Recomendação nº 042, de 22 de maio de 2020<sup>8</sup>.

**1- Matéria do jornal O Globo, de fevereiro de 2021, destaca polêmicas em relação à gestão da resposta pelo município do Rio no primeiro ano de pandemia, antes da mudança de gestão na Prefeitura, ocorrida em 1º de janeiro de 2021 | Reprodução**  
**2- El País, 21 de outubro de 2020 | Reprodução**

1



2



## Tragédias somadas

Enquanto a cidade do Rio mergulhava em um dos piores momentos da pandemia até então, ainda no mês de maio, a Prefeitura optou por retirar o número de óbitos do Painel Rio COVID-19 com a justificativa de revisão da metodologia. A medida foi questionada pela imprensa e pela população, obrigando a SMS a voltar atrás e disponibilizar novamente a informação.

Uma análise da sanitarista Ligia Bahia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), divulgada pelo jornal O Globo<sup>9</sup>, cruzou dados do Sistema Único de Saúde (SUS), do Monitora Covid-19 (Fiocruz) e da base Demografia Médica para concluir que, embora o Rio tivesse mais médicos e leitos por habitantes que outros municípios seriamente impactados pela covid-19, como Manaus e São Paulo, a dificuldade no acesso aos serviços de saúde adequados no momento certo contribuiu para amplificar a letalidade da pandemia em solo carioca.



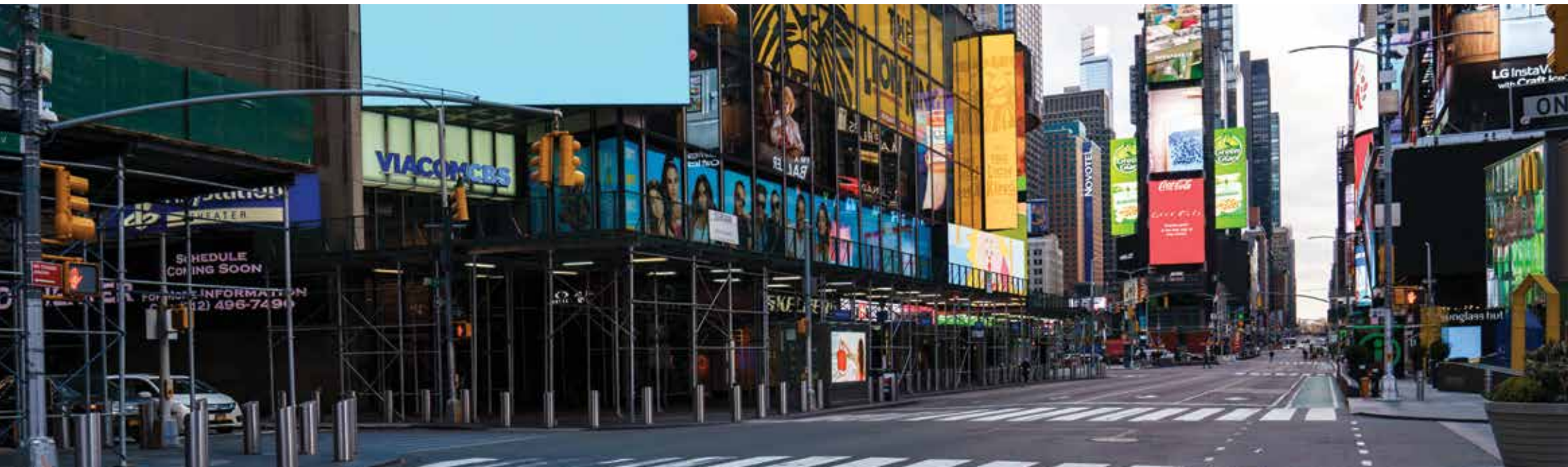
<sup>9</sup> Estudo indica que má gestão da rede de saúde faz Rio ter a maior mortalidade por covid-19 do país (Ana Lucia Azevedo e Felipe Grinberg / O Globo). 7/02/2021

Em meio à articulação atribulada das esferas municipais, estaduais e federais na resposta à crise, o Rio enfrentava uma tempestade perfeita. Sob críticas de pesquisadores da área de saúde pública quanto à má gestão de recursos, o desmonte da rede de atenção primária à saúde e a montagem dispendiosa de hospitais de campanha que, sem um devido planejamento, acabaram desativados sem mostrar a que vieram, as Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) do município seguiam sobrecarregadas.

Enquanto países pelo mundo já iniciavam suas campanhas de vacinação, no Rio de Janeiro, o ano terminou com uma festa de réveillon apagada e a taxa de mortalidade mais alta do país, em meio a uma nova onda que teve o ápice entre novembro e dezembro.

Não havia fogos em Copacabana. O último dia antes da troca de bastão na gestão municipal da Prefeitura do Rio foi sem festas nas ruas. O carioca virava o ano em família, com pequenas festas e a esperança incerta de um 2021 menos amargo.

Times Square, em Nova York, vazia em março de 2020 | Foto: Tetiana Shevchenko / Shutterstock



## INTERLÚDIO I: (MAIS) UM LONGO ANO

Sexta-feira, 1º de janeiro de 2021  
Gabinete do secretário municipal  
de Saúde do Rio de Janeiro  
7º andar do Centro Administrativo  
São Sebastião (CASS), prédio da  
Prefeitura do Rio

**163 mil**

Número de casos notificados  
de covid-19 na cidade do Rio.

**13.719**

Óbitos por covid-19 na  
cidade do Rio de Janeiro.

Ao colocar os pés naquela sala pela primeira vez em quase meia década, o ex e, então, novamente secretário municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Daniel Soranz, sabia que 2021 prometia ser um longo ano. Talvez o mais longo de sua vida.

Naquele momento, o Rio de Janeiro era a capital brasileira com maior índice de mortalidade por covid-19. Apesar disso, Soranz estava confiante de que sua trajetória compunha uma receita completa para liderar o enfrentamento da pandemia em uma cidade como o Rio: a formação como médico sanitário, especializado em Medicina de Família e Comunidade, o mestrado em Políticas Públicas em Saúde e o doutorado em epidemiologia pela Fundação Oswaldo Cruz, somados à experiência acumulada nos anos que passara à frente da Subsecretaria de Atenção Primária, Vigilância e Promoção da Saúde e da própria Secretaria Municipal de Saúde.

Ele tinha consciência da gravidade do momento e, in-

clusive, já havia sentido na pele os efeitos diretos e indiretos da doença quando foi infectado, meses antes, mas, principalmente, ao perder a avó para a covid-19. Não era um momento simples na vida de ninguém.

O feriado do primeiro dia do ano caíra numa sexta-feira de tempo instável na Cidade Maravilhosa, de forma que o edifício da Prefeitura o recebia de volta de forma particularmente silenciosa. Enquanto abria as persianas da ampla janela ao lado da mesa de reunião e deixava a luz fria da manhã iluminar o gabinete, a mente de Soranz elencava os desafios pela frente.

Ampliar a testagem e rastreamento de contatos dos infectados; interromper a cadeia de transmissão do vírus; organizar e disponibilizar informações em tempo real; investir em logística, estrutura e treinamento a tempo da chegada iminente das vacinas. Isso tudo, claro, considerando que todas as esferas de governo se provassem capazes de estabelecer e manter um diálogo em que falassem a mesma língua, em um momento único para a saúde pública brasileira.

De um minuto para o outro, todas as preocupações desapareceram da mente de Soranz que, atônito, duvidou momentaneamente que quatro anos tivessem mesmo passado desde a última vez em que abria aquelas gavetas. Afinal, ali estavam os mesmos livros e relatórios que ele havia deixado, como contribuição ao acervo da SMS e a seus sucessores naquele gabinete, ao deixar o cargo em dezembro de 2016. Até o velho bloco de anotações, com sua própria caligrafia, permaneceram intocados.

Não pela primeira e nem pela última vez, Soranz pensou, resignado, que aquele seria um longo ano.

COVID-19

BOLETIM

EPIDEMIOLÓGICO

2020 - 2022

10 de outubro de 2022

# 3 *Viva o SUS:* A ORGANIZAÇÃO DA RESPOSTA





***“Enquanto todo mundo  
espera a cura do mal  
E a loucura finge que  
isso tudo é normal  
Eu finjo ter paciência”***

**(Lenine, Paciência)**

O início de uma nova gestão do prefeito Eduardo Paes, sua terceira à frente do governo municipal do Rio de Janeiro, acontece após a cidade encerrar o primeiro ano da pandemia com a maior mortalidade por covid-19 entre todas as capitais do país e altas taxas de

ocupação de leitos.

Nesse contexto, o médico sanitário Daniel Soranz, então com 41 anos, reassume como secretário municipal de Saúde, cargo que já havia ocupado na gestão anterior de Paes, com a missão de dar uma resposta rápida e eficaz à pandemia na cidade: aumentar o número de leitos disponíveis, ampliar a capacidade de testagem da população e preparar a cidade para a maior campanha de vacinação da história.

No dia 3 de janeiro, um domingo, em coletiva conjunta dos governos municipal e estadual, Soranz apresentou as primeiras medidas do plano da gestão que se (re)iniciava para o enfrentamento à doença. A Prefeitura publicou, no Diário Oficial daquele dia, um chamamento

**Divulgação do primeiro  
Boletim Epidemiológico  
pelo COE COVID RIO, em  
8 de janeiro de 2021 | Foto:  
Beth Santos**



Edição de 3/01/2021 do  
Diário Oficial do Município  
do Rio.

para contratar 150 leitos da rede privada, enquanto os equipamentos e profissionais do Hospital de Campanha do Riocentro seriam remanejados para os hospitais municipais Ronaldo Gazolla, Souza Aguiar, Salgado Filho e para o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho.

— Todos os recursos serão empenhados, ao máximo, para garantir o funcionamento de todo o sistema de saúde do Rio — afirmou Soranz na ocasião.

Outra das mudanças implementadas foi em relação à gestão dos dados. A instalação do Centro de Operações de Emergências (COE COVID-19 RIO), com apoio técnico e logístico da Organização Panamericana de Saúde (OPAS/OMS) e uma estrutura física nas instalações do Centro de Operações da Prefeitura do Rio de Janeiro (COR<sup>10</sup>), onde eram realizadas reuniões diárias e coletivas de imprensa semanais, inaugurava um novo momento no registro dos dados e na análise que viria a embasar a tomada de decisões sobre a pandemia.

O COE estava sob o comando do veterinário e epidemiologista Márcio Garcia, superintendente de Vigilância em Saúde da SMS. Como Soranz, Márcio também retornava ao cargo que já havia ocupado na gestão anterior

<sup>10</sup> A estrutura física e o núcleo de profissionais do COE COVID-19 RIO foram a origem do que é, hoje, o Centro de Inteligência Epidemiológica (CIE) da Secretaria Municipal de Saúde, que segue funcionando no Centro de Operações da Prefeitura do Rio.



O prefeito Eduardo Paes, em coletiva sobre as medidas a serem adotadas contra a covid-19 pela nova gestão | Reprodução Youtube



de Paes, quando reuniu experiência no enfrentamento da epidemia de dengue e da pandemia de H1N1.

O grupo contava com mais de 20 técnicos multidisciplinares, incluindo representantes de áreas da Secretaria como o próprio gabinete, a Subsecretaria de Promoção, Atenção Primária e Vigilância em Saúde (SUBPAV), Subsecretaria Geral (SUBGERAL), Subsecretaria de Atenção Hospitalar, Urgência e Emergência (SUBHUE), Subsecretaria de Gestão (SUBG), Instituto Municipal de Vigilância Sanitária, Vigilância de Zoonoses e Inspeção Agropecuária (IVISA-Rio), e da Assessoria de Comunicação Social (Ascom), além de um representante do próprio COR.

Outra medida imediata foi a reestruturação do comitê de especialistas da Prefeitura, já no dia 1º de janeiro de 2021. Antes formado primordialmente por funcionários da própria administração municipal, o novo Comitê Especial de Enfrentamento à Covid-19 (CEEC)<sup>11</sup> passou a

Em entrevista coletiva realizada no primeiro dia da nova gestão Paes, o secretário Daniel Soranz apresentou a situação da covid-19 no município do Rio | Foto: Edu Kapps



<sup>11</sup> Por meio do Decreto Rio Nº 48343 de 1º de Janeiro de 2021.



contar com 14 membros, sendo 13 deles externos à Secretaria Municipal de Saúde. A missão: monitorar o desempenho do Sistema Único de Saúde e elaborar recomendações para a resposta à doença na cidade do Rio.

Do governo, apenas Soranz, à frente de um time que reunia profissionais de renome e experiência em diferentes áreas, incluindo os ex-ministros da Saúde José Gomes Temporão e Agenor Álvares, o ex-diretor da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em Brasília, Gerson Penna, a coordenadora regional do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a pediatra Luciana Phebo, além da UFRJ, UERJ, Unirio e do próprio Ministério da Saúde.

— O enfrentamento de situações de emergência em saúde pública requer reflexão. A ideia por trás desse comitê de especialistas era reunir um time misto, que pudesse representar a ciência, a atenção primária e a alta complexidade, da clínica da família até um hospital como o Clementino Fraga Filho, da UFRJ — explica Gerson Penna, um dos idealizadores dessa formulação do comitê, que ocupou o cargo de secretário nacional de Vigilância em Saúde entre 2007 e 2011.

De acordo com o coordenador de Vigilância em Saúde e Laboratórios de Referência da Fiocruz, o médico infectologista Rivaldo Venâncio da Cunha, também integrante do CEEC, a covid-19 expunha, naquele momento, fragilidades no sistema de saúde, e mesmo na estrutura econômica e social nacional, que já existiam antes da pandemia.

— Àquela altura, já era evidente o tamanho da encrenca que representava a covid-19. Já tínhamos a dimensão da gravidade da situação, porque, ao contrário do que imaginávamos no início da pandemia, não era uma emergência que talvez durasse três ou quatro meses. E sofríamos também pela ausência de uma coordenação natural. Isso estava bem claro — conta Rivaldo.

As recomendações do comitê eram de natureza consultiva e propositiva, e não deliberativa, sobre as ações adotadas no município. Ou seja, após as reuniões, mensais ou extraordinárias, conforme a necessidade, as recomendações do comitê poderiam ou não ser seguidas pela Secretaria Municipal de Saúde e pela Prefeitura do Rio. Não obstante, as discussões dos especialistas formavam a base das definições adotadas.

— Tratamos de temas estratégicos, como a organização da vacinação e, principalmente, a questão da eventual retomada da atividade escolar — relatou o professor Carlos Alberto de Oliveira, do Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), após a primeira reunião do CEEC, em 25 de janeiro de 2021.

Caó, como é conhecido por amigos, colegas e alunos, vestia uma camisa quadriculada em azul e branco, uma

**Primeira reunião do Comitê Especial de Enfrentamento da covid-19, na Sala de Crise do COR, em 25/01/21. Da esquerda para a direita: Rivaldo Venâncio da Cunha, Alessandra Siqueira, Alberto Chebabo, Márcio Garcia (ao fundo), Carlos Alberto de Oliveira, Betina Durovni (ao fundo) e Fábio Leal | Foto: Edu Kapps**



máscara de proteção facial de pano, combinando na estampa e nas cores, óculos de armação clara e um chapéu Panamá sobre os finos cabelos grisalhos. Estilo à altura do que definiu, na ocasião, como “um dia de trabalho perfeito”<sup>12</sup>.



<sup>12</sup> Comitê Especial de Enfrentamento da covid-19.

## Reorganização da rede

O convite a especialistas com profundo conhecimento do Sistema Único de Saúde para a participação no comitê reforçava um entendimento de Soranz sobre a resposta do município à pandemia: a experiência acumulada do SUS precisava ser aproveitada. E foi com essa premissa que uma reorganização foi iniciada na nova gestão.

Abaixo: trecho do Decreto Rio N° 48343 de 1° de Janeiro de 2021, que trata da formação do Comitê Especial de Enfrentamento da covid-19 | Reprodução

§ 3º Considerando o disposto no caput deste artigo, os membros não poderão indicar representante ou substituto no caso de impedimento de comparecimento às reuniões ordinárias e extraordinárias.

**Art. 4º** O CEEC terá a seguinte composição, sob a presidência do primeiro:

I - Daniel Soranz - Secretário Municipal de Saúde Rio de Janeiro

II - Alberto Chebabo - Representante do Universidade Federal do Rio de Janeiro

III - Alessandra Siqueira - Representante do Ministério da Saúde

IV - Carlos Alberto Chaves - Secretário de Estado da Saúde do Rio de Janeiro

V - Carlos Alberto Pereira de Oliveira - Representante do Universidade Estadual do Rio de Janeiro

VI - Daniel Becker

VII - Fábio Leal - Representante do Instituto Nacional do Câncer

VIII - Gerson Oliveira Penna

IX - José Agenor Álvares da Silva

X - José Cerbino Neto - Representante do Instituto D'or

XI - José Gomes Temporão

XII - Marcelo Costa Velho - Representante do UniRio

XIII - Marcelo Lambert - Representante Ministério da Saúde

XIV - Rivaldo Venâncio - Representante da Fundação Oswaldo Cruz

§ 1º O funcionamento do CEEC não implicará criação de estrutura organizacional e seus membros não perceberão qualquer remuneração ao título de auxílio ou jeton, sendo considerado trabalho de relevância pública.



— Optou-se por investir em alta complexidade em tendas e espaços improvisados, coisa que nunca tínhamos feito, ignorando a capacidade instalada que já existia na rede — ressaltou o secretário — Não foi estruturada uma resposta capilarizada para identificação dos casos, separando os quadros graves para tratamento dos casos leves, que poderiam ser cuidados em casa. Isso aumentou o número de pacientes graves descontroladamente, e esses pacientes foram colocados dentro das UPAs, sem nenhuma separação.

Da esq. para a dir.: Paula Fiorito, Rodrigo Frutuoso, Márcio Garcia, Rodrigo Prado e Daniel Soranz | Foto: Edu Kapps

A atuação da rede de atenção primária à saúde, que, na primeira fase de resposta à pandemia, foi tímida, quase inexistente, começou a retomar um papel central com a utilização da rede para a ampliação da testagem, ainda ao final de 2020, e passou por um crescimento expressivo a partir de 2021, com o uso de testes de antígeno.

Posteriormente, a rede seria utilizada também como ponto central na vacinação e no atendimento a casos leves da doença, reduzindo a necessidade de busca por atendimento nas UPAs e hospitais.

A rede hospitalar foi reorganizada a partir do fechamento de unidades temporárias como o hospital de campanha do Riocentro e concentração dos atendimentos nas unidades já existentes na rede, com foco no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla.

— Em 2009, tivemos a epidemia de H1N1 e usamos o que já se sabia para organização da resposta. Sabíamos que, na alta complexidade, tínhamos leitos disponíveis e poderíamos ampliar e transformar leitos nos hospitais já existentes — destaca Soranz.

O Gazolla passou por uma transformação imediata, que incluiu a contratação de cerca de três mil profissionais, reformas emergenciais nas estruturas, abertura de alas

**Organização da cadeia de insumos: distribuição de vacinas e compra de testes rápidos a partir de 2021 foram primordiais no enfrentamento à covid-19 no Rio | Fotos: Edu Kapps**



que encontravam-se fechadas e transformação de setores de enfermaria em UTIs.

Com a desmobilização do hospital de campanha do Riocentro, o Gazolla passou a receber também equipamentos, insumos e, principalmente, recursos humanos. Assim, num período de cerca de 15 dias, o hospital passou a operacionalizar 380 leitos, com a utilização de praticamente todos os setores. Em fevereiro de 2021, o número de casos e as taxas de mortalidade indicavam tendência de queda.

Outro exemplo do choque de gestão foi a organização da rede e da cadeia de insumos. Segundo Soranz, o processo de compra descentralizado levou a uma competição entre os municípios e estados na compra de insumos e respiradores, por exemplo.

— Durante a H1N1, o Tamiflu foi comprado de forma centralizada pelo Ministério da Saúde. O Brasil foi

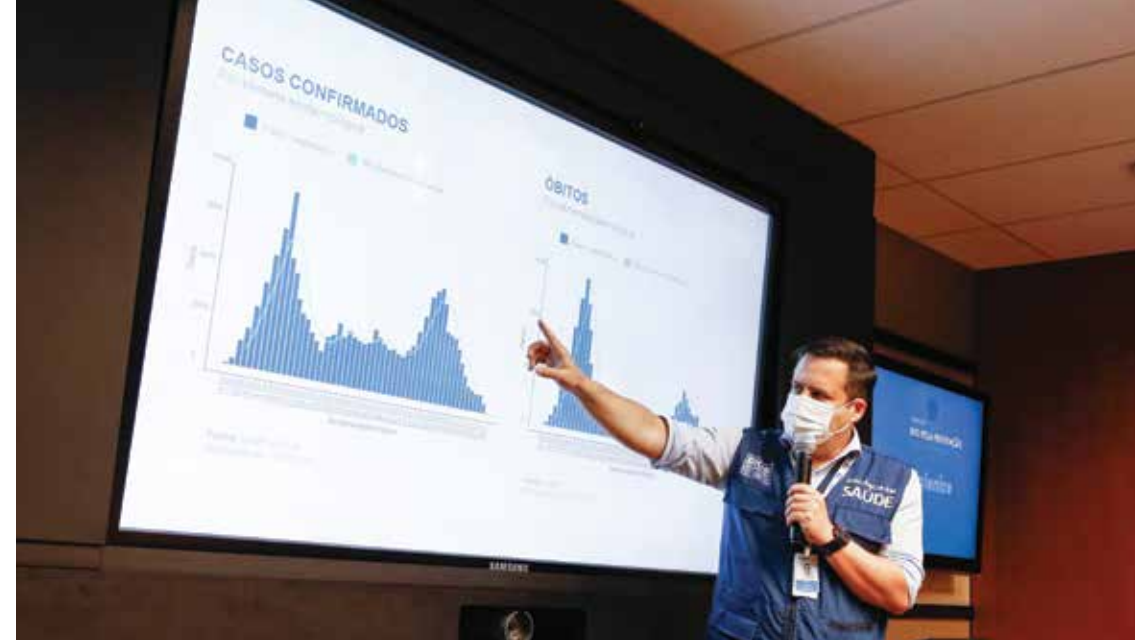


um dos primeiros países a negociar com a farmacêutica e tínhamos o medicamento para todo mundo, sem faltar. E também fomos um dos primeiros países a vacinar naquela ocasião. Nessa pandemia, de forma geral, foi ignorada toda essa curva de aprendizagem — completa o secretário.

O Painel Rio COVID-19 também foi reformulado e passou a incluir a apresentação de dados por geolocalização, indicando as regiões com maior transmissão do vírus. Essas informações permitiram concentrar esforços de testagem e reforço no atendimento ambulatorial para os casos leves, evitando que evoluíssem para casos graves com internação e ocupação de leitos.

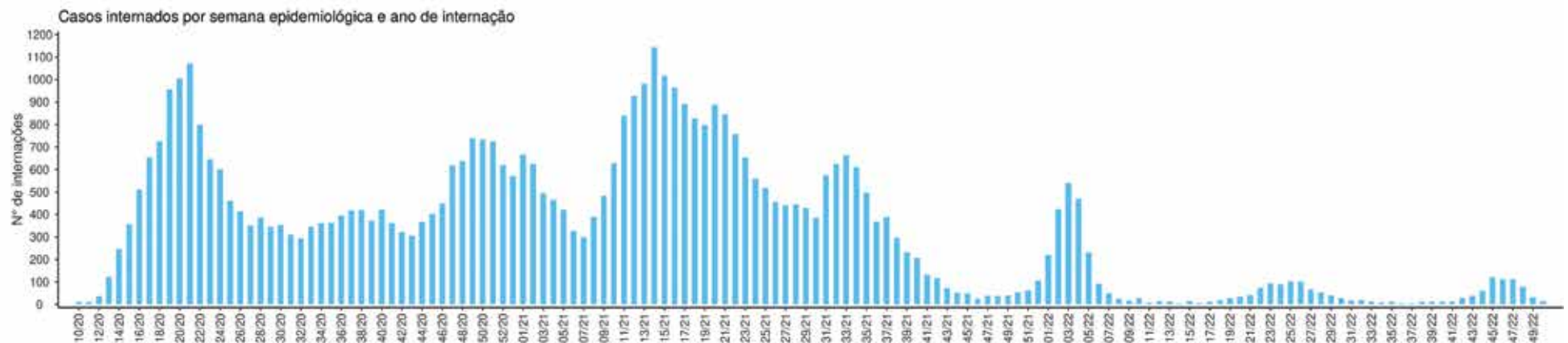
— Em relação à covid-19, é fundamental que as ações de vigilância em saúde, vigilância sanitária, atenção primária, atenção especializada e comunicação estejam bem alinhadas para que sejam postas em práticas com o máximo de sinergia para amplificação da resposta dentro de um território — destaca Rodrigo Frutuoso, então consultor nacional da unidade técnica de vigilância, preparação e resposta em emergências e desastres da OPAS/OMS, que prestava apoio técnico e logístico ao CEEC.

**Evolução no número de internações no município do Rio. (Fonte: Epi-Rio/Central de Regulação/SUBGERAL-SMS-Rio)**



A série histórica no município do Rio mostra uma ampliação do número de internações em UTI entre o final de março e o início de julho de 2021, não acompanhada por um pico no número de casos graves e óbitos, o que pode ser explicado, em parte, pelo aumento do número de leitos, em especial no Gazolla, e pela organização da resposta à pandemia neste período.

**Ao longo de 40 minutos a uma hora, o superintendente de Vigilância em Saúde da SMS, Márcio Garcia, apresentava dados sobre a situação no município | Foto: Edu Kapps**



## Da informação à ação

Enquanto a guerra de narrativas e o obscurantismo nublavam o cenário da resposta global à covid-19, a realização de coletivas semanais pela Secretaria Municipal de Saúde para apresentação dos dados mais recentes sobre o cenário epidemiológico, a partir de janeiro de 2021, manteve os cariocas atentos ao ondular da pandemia, e mais próximos aos fatos e reações das autoridades diante desse processo.

Esse modelo também foi implementado com base em uma experiência anterior, adotada na epidemia de dengue de 2012. As coletivas tinham início às oito da manhã, sempre às sextas, na Sala de Crise do COR, na Cidade Nova, com notável adesão dos veículos de imprensa.

Ao longo de 40 minutos a uma hora, em média, o superintendente de Vigilância em Saúde da SMS, Márcio Garcia, apresentava e contextualizava os dados de cada boletim epidemiológico sobre a situação da covid-19 no município, com comentários e intervenções do prefeito Eduardo Paes, do secretário e do então presidente do Instituto Municipal de Vigilância Sanitária, Vigilância de Zoonoses e Inspeção Agropecuária (IVISA-Rio), o servidor público de carreira e técnico Rodrigo Prado, responsável pelo detalhamento das medidas restritivas adotadas a cada momento — e que viria a suceder Soranz à frente da pasta da Saúde, em abril de 2022.

Ao final de cada apresentação, abria-se o espaço para perguntas dos jornalistas presentes sobre a situação epidemiológica da cidade, as perspectivas a cada momento, as medidas de prevenção adotadas e em vigor, a necessidade de isolamento, a logística de recebimento e aplicação de vacinas e atendimento ambulatorial à população, que eram então respondidas uma a uma pelas autoridades.

Diante do objetivo de sempre apresentar as informa-



ções mais atualizadas disponíveis, não era raro que, na véspera de cada coletiva, parte da equipe da comunicação trabalhasse madrugada adentro, até o (e, em algumas ocasiões, mesmo depois do) apagar das luzes do sétimo andar da Prefeitura do Rio, preparando o material a ser apresentado à imprensa e, por conseguinte, à população no início da manhã seguinte.

**Legenda: Da esq. para a dir.: Márcio Garcia, Paula Fiorito, Eduardo Paes e Daniel Soranz | Foto: Edu Kapps**

— Os dados e estatísticas que formavam a base para a tomada de decisões, a cada semana, eram os mais recentes possíveis. A partir do boletim epidemiológico atualizado no próprio dia, com as informações sobre casos leves, graves e óbitos, internações e positividade de testes, entre várias outras; e também das recomendações do Comitê de Especialistas, definíamos um novo decreto sobre as medidas de proteção à vida em vigor, que seria publicado e apresentado já na manhã seguinte — lembra Rodrigo Prado.

Num primeiro momento, o tom das coletivas era mais rígido, quase solene. A atmosfera fria, literalmente, da Sala de Crise do COR (resultado do ar condicionado funcionando a todo vapor para manter a ventilação no ambiente fechado que recebia o grupo numeroso de jornalistas) era cortada por afirmações diretas e apelos do prefeito e do secretário a respeito da necessidade de adesão e respeito às chamadas 'Medidas de Proteção à Vida', estabelecidas em resolução conjunta das secretarias de Saúde do município e do estado, que incluíam a higienização das mãos, o distanciamento social e o uso de máscara de proteção facial.

Conforme esse encontro se tornava parte da rotina semanal da cidade e a pandemia dava sinais de certo arrefecimento, o clima das coletivas ficou um pouco mais relaxado, tanto por parte das equipes de expertises diversas que atuavam nos bastidores, quanto dos "apresentadores", mais confiantes em seus papéis.

O diálogo entre os representantes da Secretaria de Saúde e os jornalistas também foi se tornando mais fluido, menos hesitante. O prefeito Eduardo Paes, ocasionalmente, fazia brincadeiras com os profissionais da imprensa com quem estava mais familiarizado e, já na terceira edição, arriscou uma resposta em inglês a um jornalista recém-chegado da França que indagou como era possível o Rio manter, ainda, uma atmosfera de re-

lativa tranquilidade, enquanto a Europa já se encontrava, em grande parte, em situação de lockdown.

— *What we're going through is what the Health authorities say we're supposed to do* — respondeu Paes. Em bom português: "o que estamos passando é o que as autoridades de saúde dizem que devemos fazer".

A partir do nono encontro, a disposição das pessoas na sala mudou: em vez de os especialistas e autoridades se posicionarem ao redor da mesa de formato elíptico, com o prefeito na extremidade mais distante dos jornalistas próximos à entrada da sala, agora cada grupo ficava em um dos lados da mesa, com um distanciamento menor e mais homogêneo entre eles.

Esse processo continuou ao longo de todo o ano de 2021, até que, em 12 de novembro, data da revogação dos decretos que ainda determinavam medidas restritivas contra a pandemia, diante da visível melhora no cenário epidemiológico, foi realizada a última coletiva nesses moldes. O número de internações por covid-19 em unidades SUS reguladas no município do Rio, nesse momento, registrava queda de 93%.

— **Muitas vezes, nas coletivas, precisávamos anunciar dados e decisões que eram diferentes daquilo que gostaríamos de apresentar em determinado momento. Mas nada era feito por capricho, estávamos seguindo a ciência com a devida responsabilidade. O momento da revogação dos decretos, mais do que um marco nessa trajetória, foi uma injeção de ânimo e esperança, para nós e para a população** — pontua Rodrigo Prado.

As gravações na íntegra das 42 coletivas de apresentação do Boletim Epidemiológico da covid-19 na cidade do Rio, bem como as 56 edições da publicação, seguem disponíveis on-line no YouTube da Prefeitura do Rio<sup>13</sup> e no site coronavirus.rio.



<sup>13</sup> Confira as gravações em vídeo das primeiras 46 coletivas de apresentação do Boletim Epidemiológico da covid-19 na cidade do Rio.

## INTERLÚDIO II: O DE HOJE TÁ PAGO

Sexta-feira, 15 de janeiro de 2021

Sala de Crise do Centro de Operações Rio (COR)

**177.569**

Número de casos notificados  
de covid-19 na cidade do Rio.

**15.312**

Óbitos por covid-19 na  
cidade do Rio de Janeiro.

O título deste interlúdio é composto pelas palavras que cruzaram a mente de Márcio Garcia, não o ator, e sim o superintendente de Vigilância em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, naquela manhã de janeiro. Dessa vez, porém, excepcionalmente a frase não foi formulada em referência aos 5 a 7 km que corria, pela manhã cedo, quase todos dias.

Não, dessa vez as cinco palavras foram evocadas por uma situação completamente diferente, mas que era capaz de provocar, em um trabalhador da saúde e cidadão atravessando a chocante pandemia de covid-19, uma euforia semelhante àquela da liberação de endorfinas ao final de uma sessão particularmente satisfatória de treino: o início da vacinação contra a doença na cidade do Rio.

A coletiva daquela sexta-feira, para divulgação do segundo Boletim Epidemiológico da covid-19 no Rio de Janeiro foi mais breve e sucinta que a do primeiro, na semana anterior. O clima geral desse segundo encontro formal com os jornalistas, agora que a novidade do modelo ficara para trás e o gelo havia sido quebrado, também foi mais ameno.

Durante a apresentação, o prefeito anunciou o início da

vacinação na cidade como previsto para quarta-feira, 20 de janeiro, mas o burburinho interno na SMS sugeria que isso poderia acontecer já na segunda, dia 18. Se tudo desse certo.

Garcia havia passado por um caso leve de covid-19 alguns meses antes. A doença não o "derrubou", em termos de intensidade dos sintomas, mas não foi fácil, psicológica e emocionalmente, passar os 14 dias de isolamento protocolar em um quarto do apartamento, sem poder dar um abraço no filho Miguel ou ter qualquer tipo de contato com a família. Além disso, para vários de seus amigos, e também alguns familiares, a coisa foi bem mais complicada.

Por mais que amasse seu trabalho e os desafios que a epidemiologia oferecia todos os dias, ultimamente, Márcio acordava a cada dia com um desejo mais forte de que toda essa loucura acabasse. Esse era um dos motivos que o impulsionavam a correr, quase todos os dias, com o céu ainda clareando: o esforço para chegar, enfim, à luz no fim do túnel.

Foto: Edu Kapps



# 4 DIRETO PRO *(a) braço Ø*





***“Quero ficar no teu corpo  
Feito tatuagem  
Que é pra te dar coragem  
Pra seguir viagem”***

**(Chico Buarque, Tatuagem)**

**E**a vacina veio. Os anseios da opinião pública e a cobertura 24 horas da imprensa mundial, o aporte de recursos milionários por governos e indústrias farmacêuticas e o intercâmbio de pesquisadores de todo o planeta compartilhando novos dados sobre o vírus SARS-CoV-2 e a covid-19 criaram um ambiente favorá-

vel ao estabelecimento de novos recordes nos prazos de desenvolvimento de imunizantes.

No Brasil, dois atores decisivos subiram ao palco: a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, e o Instituto Butantan, de São Paulo. Em meio às dificuldades na compra de vacinas e falta de investimentos em pesquisas para vacinas nacionais, ambas as instituições assinaram acordos com instituições internacionais para a importação de vacinas e de tecnologia de produção.

Após um processo nunca antes televisionado e, dessa vez, acompanhado por todos, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou o imunizante desenvolvido pela Universidade de Oxford, na Inglaterra, em conjunto com a farmacêutica britânico-sueca Astra-

**Alívio e agradecimento no olhar e no gesto de quem recebia a vacina tão esperada | Foto: Edu Kapps**

Zeneca, a ser manufaturado no Brasil pela Fiocruz, bem como a vacina da empresa chinesa Sinovac, em parceria com o Butantan.

O superintendente de Vigilância em Saúde do Rio de Janeiro, Márcio Garcia, lembra que a equipe, recém-empossada, teve poucos dias de gestão para mobilizar toda uma estrutura operacional e logística, envolvendo praticamente toda a estrutura da Secretaria Municipal de Saúde, para viabilizar o início da campanha de vacinação aos pés do Cristo Redentor.

— A gente agora entra em uma nova fase do enfrentamento à pandemia. Nós conhecemos bem o SUS, o Programa Nacional de Imunização, e a gente entra numa fase em que há uma luz importante no fim do túnel que é o início da vacinação — disse Márcio.

Após idas e vindas na negociação da Prefeitura com os governos estaduais e federal, institutos de pesquisa e farmacêuticas, em uma verdadeira operação de guerra, a carga de CoronaVac chegou à cidade em 18 de janeiro, segunda-feira, dia seguinte à aprovação pela Anvisa.

— Foi um momento de superação dos nossos limites, dos motoristas às coordenações, para que as vacinas estivessem disponíveis em tempo hábil — lembra o coordenador de infraestrutura e logística da SMS, Aristóteles de Queiroz.

A entrega estava prevista para 13h, mas só aconteceu de fato pouco antes das 17h. Às 18:20, as primeiras doses eram aplicadas na cerimônia do Cristo, enquanto o restante da carga era transportado para o centro de distribuição da Secretaria de Estado de Saúde, em Niterói.

O começo da vacinação contra a covid-19 no Rio de Janeiro também se deu um dia após o governo de São Paulo dar início à sua própria campanha no domingo, 17, enquanto o Ministério da Saúde planejava inaugurar oficialmente a imunização em escala nacional só na quarta, dia 20.



Diante da largada da campanha no Rio e em São Paulo, além de estados como Goiás, Piauí e Santa Catarina, o Ministério da Saúde confirmou na terça-feira, 19 de janeiro, a entrega de seis milhões de doses de CoronaVac para todos os estados e o Distrito Federal. No mesmo dia, no Rio, os profissionais da linha de frente do Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, unidade de referência da rede para o tratamento da covid-19, receberam a primeira dose.

A seguir, no dia 22, foi realizada uma ação para imunização de toda a população do Quilombo Sacopã, em plena Zona Sul da cidade. Entre os vacinados, estava Márcio Antônio do Nascimento Silva, pai do Hugo, um rapaz de 25 anos, sem comorbidades preexistentes, que perdera a vida para o SARS-CoV-2 em 18 de abril de 2021.

Márcio Antônio ganharia notoriedade meses depois, quando, caminhando pela orla de Copacabana, testemunhou um homem derrubando os crucifixos que constituíam um tributo às vítimas da pandemia. Sen-

**Profissional de saúde recebe a primeira dose da CoronaVac no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla**  
| Foto: Edu Kapps

Márcio Antônio do Nascimento Silva, herdeiro do Quilombo Sacopã e pai de um rapaz de 25 anos vítima da covid-19, recolocou os crucifixos do tributo aos que perderam a vida na pandemia, derrubados por um negacionista em Copacabana | Foto: André Coelho



tindo que a memória de seu filho estava sendo desrespeitada, Márcio começou a recolocar, uma a uma, as cruzes no lugar, enquanto era xingado e aplaudido pelos transeuntes que testemunharam a cena.

— Eu, como pai, vítima dessa doença, que perdeu um filho de 25 anos, sei realmente como foi a minha emoção de tomar essa dose. Então não teve como não pensar que, se meu filho tivesse tomado essa dose há um ano atrás, ele poderia estar aqui ao meu lado — disse Márcio Antônio na ocasião da vacinação no Quilombo<sup>14</sup>.

No dia 31 de janeiro, teve início a vacinação dos idosos no município do Rio, em outra cerimônia simbólica, dessa vez no Palácio da Cidade. Entre os primeiros vacinados, estavam o compositor e cantor Nelson Sargento, cujos então 96 anos não impediram de dar uma palhinha do clássico samba Agoniza Mas Não Morre,

<sup>14</sup> Márcio faleceu em 3 de outubro de 2022, no Rio, por complicações cardíacas.

O compositor e cantor Nelson Sargento (esquerda) e o ator Orlando Drummond na cerimônia simbólica de início da vacinação de idosos no Rio de Janeiro | Foto: Edu Kapps



de autoria dele, e o ator Orlando Drummond, conhecido pelo personagem Seu Peru, aos 101 anos de idade.

O público em geral começou a ser vacinado, de forma escalonada decrescente por idade, começando em 99 anos, e eventuais outros critérios condicionantes, como comorbidades, a partir da segunda-feira seguinte, dia 1º de fevereiro.

Calendário de vacinação com públicos por data. O card era atualizado e divulgado diariamente pela equipe de Comunicação da Secretaria Municipal de Saúde (ASCOM/SMS)

## COVID-19 VACINAÇÃO

### 3 DE MAIO (SEGUNDA-FEIRA)

<b>PESSOAS COM 56 ANOS</b> <small>DOS GRUPOS PRIORITÁRIOS*</small> <b>MULHERES • 8H A 13H</b> <b>HOMENS • 13H A 17H</b>	<b>PROFISSIONAIS DE SAÚDE COM 39 ANOS*</b> <small>exclusivamente de 13h as 17h</small>	<b>GESTANTES COM COMORBIDADES*</b>
--	---	------------------------------------

**SEGUNDA DOSE** [ AstraZeneca para os grupos do calendário de vacinação  
CoronaVac somente para idosos acima de 70 anos

**8h a 17h**

- Clínicas da família
- Centros municipais de saúde
- Planetário da Gávea
- Tijuca Tênis Clube
- Museu da República (Catete)
- Paróquia Nossa Senhora do Rosário (Leme)
- Casa Firjan (Botafogo)
- Jockey Club Brasileiro (Gávea)
- Hotel Fairmont (Copacabana)
- Museu da Justiça (Centro)
- Cidade das Artes (Barra da Tijuca)
- Corpo de Bombeiros: Humaitá, Copacabana e Quartel de Busca e Salvamento (Barra da Tijuca)
- Imperator (Méier)
- Quadra do Cacique de Ramos (Olaria)
- Museu Conde de Linhares (São Cristóvão)
- Club Municipal (Tijuca)
- Palácio Duque de Caxias (Centro)
- Quadra da Portela (Madureira)
- Espaço Cultural da Marinha (Centro)
- CIAD (Centro)
- CMRPD de Irajá, de Santa Cruz e do Mato Alto (Jacarepaguá)
- Universidade Castelo Branco (Realengo)

**8h a 17h • Drive-thru somente para idosos, gestantes com comorbidades e pessoas com deficiência**

- Vila Militar (Deodoro)
- Museu Aeroespacial (Campo dos Afonsos)
- CIAMPA (Campo Grande)
- Base Aérea do Galeão (Ilha do Governador)

**9h a 16h**

- Coren (Centro)  
**\*Somente profissionais de saúde**
- Conselho Regional de Farmácia (Tijuca)  
**\*Somente profissionais de saúde**

**9h a 15h**

- UERJ (Maracanã) **pedestres (portão 1)**
- Parque Olímpico (Barra da Tijuca) **drive-thru para idosos, gestantes com comorbidades e pessoas com deficiência**
- Sambódromo (Santo Cristo) **drive-thru para idosos, gestantes com comorbidades e pessoas com deficiência**

**8h a 12h**

- ABBR (Jardim Botânico)

\*Mais informações em: [coronavirus.rio/vacina](https://coronavirus.rio/vacina)

Atualizado em 02/05/2021 às 13h



## Sem samba, mas com vacina

Ainda em janeiro, o prefeito Eduardo Paes havia comunicado que o Rio de Janeiro não teria Carnaval em 2021, frustrando a expectativa inicial de que a festa pudesse ser transferida para o mês de julho. O Sambódromo, porém, não ficaria vazio durante os dias quando, em condições normais, seria o epicentro da maior festa popular do país.

Assim como seria feito ao longo das semanas e meses seguintes em outros pontos célebres da cidade que, tradicionalmente, eram preenchidos pela alegria carioca em eventos esportivos e culturais, a Praça da Apoteose seria usada como ponto de vacinação contra a covid-19.

O mesmo aconteceria com o Estádio Nilton Santos, conhecido como Engenhão; a casa de shows Imperator, no Méier; a Cidade das Artes, na Barra da Tijuca; e até o centenário Theatro Municipal, na Cinelândia, coração do Centro da cidade, entre vários outros.

Em cerimônia simbólica na Marquês de Sapucaí, no dia 12 de fevereiro, o prefeito entregou a chave da cidade para o Rei Momo, que, por sua vez, a cedeu para duas profissionais da rede municipal de Saúde: Adélia Maria dos Santos, a mesma enfermeira veterana que aplicara uma das duas primeiras doses de vacina contra a covid-19 no Rio em janeiro, no Cristo, e a técnica de enfermagem (e ex-passista da União da Ilha do Governador) Joelma Andrade.

**Em cerimônia simbólica, o prefeito Eduardo Paes entregou a chave da cidade a profissionais da saúde em 12/02/2021 | Foto: Beth Santos**



No dia seguinte, a partir das 8h da manhã, profissionais de saúde vacinavam idosos a partir de 75 anos no local, em sistema drive-thru<sup>15</sup>. A alegria carioca estava presente novamente na Sapucaí, mas, naquele ano, com um sabor diferente.

## Decisões daqui pra lá

A tomada de decisões no nível local foi uma questão com a qual as autoridades de saúde tiveram que lidar já nos primeiros momentos da vacinação. A falta de organização do Programa Nacional de Imunizações (PNI) fez com que, muitas vezes, os municípios tivessem que lidar por conta própria com questões delicadas e complexas, que poderiam afetar a saúde da população.

**A vacinação contra a covid-19 ocupou espaços célebres da cidade do Rio, como a Quadra da Portela | Foto: Edu Kapps**



<sup>15</sup> Vacinação: Rio terá dez pontos de drive-thru para atender a idosos; veja locais e calendário (Carolina Callegari / O Globo). 30/01/2021.

Além de organizar a estrutura, era necessário lidar com o quantitativo de doses dispensadas, já que não havia abundância de vacinas no primeiro momento.

— O Rio foi o primeiro município a pensar num calendário de longo prazo, a ser ajustado se necessário, com base no cronograma de entrega de vacinas — destaca Daniel Soranz.

Sobre a validação das decisões, tendo como base o conhecimento científico mais atualizado, o infectologista e pesquisador do Instituto Nacional de Infectologia (INI/Fiocruz), José Cerbino Neto, membro do CEEC, reforça que, apesar das dificuldades, os resultados foram positivos.

— Foi sempre muito difícil, tínhamos que tomar decisões com poucas evidências, mas a pandemia levava a essa urgência — afirma Cerbino, lembrando, porém, que as medidas sugeridas pelo comitê foram, em grande parte, seguidas posteriormente pelas demais esferas.

Os ajustes nos grupos prioritários, a imunização de gestantes, a intercambialidade de vacinas, os prazos para a dose de reforço, a vacinação de crianças e adolescentes e, por fim, a aplicação do segundo reforço foram exemplos de decisões tomadas em nível local no município do Rio, muitas delas depois replicadas em âmbito nacional pelo próprio Ministério da Saúde.

Outro fator de destaque na organização da vacinação no município foi a divisão de grupos etários pelo sexo para evitar aglomerações e modular o *timing* da vacinação, tendo em vista a disponibilidade de doses em cada momento.

No dia 8 de março de 2021, o Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz) anunciou o início da produção em larga escala da vacina da AstraZeneca no Brasil.



Veja o caminho da vacina.



Seguindo outras iniciativas promissoras, como na cidade de Serrana, no interior de São Paulo, o município do Rio daria início, em junho, a um projeto para avaliar o impacto da vacinação em larga escala na circulação do vírus e na produção de anticorpos contra a covid-19, a ser realizado na ilha de Paquetá.

**Vacinação chega a Paquetá e Maré | Fotos: Edu Kapps**

## Paquetá Vacinada

Por ser uma ilha e, por definição, ter limites geográficos demarcados de forma precisa e evidente, e por contar com a Unidade Integrada de Saúde Manoel Arthur Villa-Boim, e um serviço de vigilância bem estruturado, entre outros fatores, Paquetá era o cenário perfeito para um estudo como esse.

A pesquisa, denominada "Paquetá Vacinada", foi realizada em parceria com a Fiocruz e começou com um inquérito soroepidemiológico, a partir do teste de an-



ticorpos, seguido pela vacinação de toda a população. Paquetá tinha, à época, em torno de 4.180 moradores cadastrados na Estratégia Saúde da Família, dos quais 3.530 eram maiores de 18 anos, ou seja, elegíveis para a vacinação naquele momento, dentre os quais ainda havia uma parcela de já vacinados entre os idosos.

Ao longo de três dias, cerca de 200 profissionais de saúde e voluntários, incluindo universitários e membros da ONG Core<sup>16</sup>, fizeram testes em 2.759 dos moradores da Paquetá, em torno de 70% da população local.

Após a testagem, no dia 20 de junho de 2021, o projeto atingiu a marca de 96,3% da população adulta de Paquetá vacinada contra a covid-19, em ocasião que contou com a presença do então ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, do secretário municipal de Saúde Daniel Soranz, e da presidente da Fiocruz e futura ministra da Saúde Nísia Trindade. Num primeiro momento, foi



<sup>16</sup> Esforço de Ajuda Organizado pela Comunidade, na sigla em inglês, uma iniciativa humanitária que atua em diferentes países e, na pandemia, ajudou na ampliação do acesso à vacinação.



utilizada a vacina da AstraZeneca, numa parceria com a Fiocruz, e, posteriormente, em julho, a Pfizer para os adolescentes.

O estudo constatou inicialmente que 40% da população adulta e que ainda não tinha sido vacinada e 21% das crianças e adolescentes já apresentava algum nível de anticorpos contra o SARS-CoV-2, enquanto 90% dos vacinados antes dos estudo também os apresentavam. Ou seja, o vírus tinha alta circulação no território da ilha. Outro ponto observado foi que o ensino on-line protegeu as crianças. Aquelas que estavam no modelo à distância apresentaram soroprevalência mais baixa do que as que estavam em modelo híbrido.

À época, o secretário municipal de Saúde do Rio destacou que a situação soropidemiológica dos moradores de Paquetá continuaria a ser monitorada para que novas lições ainda pudessem ser tiradas a partir do estudo.

**Em 20/09/2021, a cidade do Rio chegou à marca de 99% da população adulta vacinada com a primeira dose da vacina contra a covid-19 | Foto: Edu Kapps**



**No dia 20/06/2021, o projeto Paquetá Vacinada atingiu a marca de 96,3% da população adulta da ilha vacinada contra a covid-19, em ocasião que contou com a presença da presidente da Fiocruz e futura ministra da Saúde Nísia Trindade | Foto: Edu Kapps**



— Após a vacinação da segunda dose, a gente vai colher novamente amostras de sangue para ver como se comportou a imunogenicidade, ou seja, os anticorpos das pessoas e a duração dessa imunidade ao longo do tempo. Isso vai ajudar a gente a tomar atitudes para as próximas fases da campanha de vacinação no município — disse Soranz.

Os dados da pesquisa também foram compartilhados com a comunidade acadêmica, visando ampliar o conhecimento e ajustar as ações em possíveis situações semelhantes no futuro.

O projeto #VacinaMaré aplicou duas doses da vacina contra a covid-19 em mais de 36 mil pessoas da região, que se tornou referência no controle da doença | Foto: Edu Kapps



## A ciência colhe os louros da vitória

Em 9 de julho de 2021, o superintendente de Vigilância em Saúde da SMS, Márcio Garcia, anunciou na coletiva de imprensa semanal que as taxas de óbitos estavam em tendência progressiva de queda no município do Rio por 12 semanas seguidas, enquanto os casos confirmados também diminuía gradualmente há sete semanas consecutivas. Nesse momento, a cobertura da população total com primeira dose ou dose única no município do Rio era de 50,3%.

— A busca por atendimentos na rede de Urgência e Emergência, que não é a mesma coisa que casos confirmados de covid-19, mas sim casos suspeitos de síndrome gripal e síndrome respiratória aguda grave, mostra, após uma queda nas últimas semanas, uma tendência de estabilidade — sinalizou Garcia na ocasião.

Após o prefeito consultar Soranz a respeito de uma possível relação entre essa estabilidade e o inverno, quando casos de gripe sazonal são tradicionalmente mais comuns, o secretário ponderou que essa era uma possibilidade, somada aos casos de covid-19 em pessoas mais jovens, que ainda não tinham sido contempladas pelo calendário de vacinação, escalonado por idade.

Com o avanço da vacinação entre os adultos, e buscando prevenir novas ondas da doença e, especialmente, casos graves e óbitos, a Prefeitura do Rio estabeleceu, em 26 de agosto, por meio de dois decretos<sup>17</sup>, a obrigatoriedade da comprovação de vacinação contra a covid-19 para acesso e permanência em diversos locais, medida conhecida informalmente como “passaporte da vacina”. O documento estabeleceu que, a partir de 1º de setembro, a comprovação de vacinação contra a covid-19 passaria a ser necessária para o acesso e a permanência no interior de estabelecimentos e locais de uso coletivo, como



<sup>17</sup> Decretos Rio N° 49.334 e N° 49.335 disponíveis para download.

academias de ginástica, estádios e ginásios esportivos; cinemas, teatros e salas de concerto, salões de jogos, circos, recreação, parques de diversões, convenções e feiras comerciais, entre outros, e também para a realização de cirurgias eletivas em unidades de saúde públicas e privadas.

Essa medida, considerada controversa por parte da população, foi justificada pelo prefeito na coletiva daquela sexta, 27 de agosto, com a afirmação de que era adotada, assim como a manutenção do uso de máscaras de proteção facial, justamente para permitir que essas atividades e eventos aconteçam, evitando a implementação de determinações mais restritivas e incentivando a imunização dos cariocas.

O projeto Paquetá Vacinada iniciou sua terceira etapa na ilha para a aplicação da segunda dose na população. Os adultos receberam a segunda dose da AstraZeneca, e os adolescentes, da Pfizer, único imunizante liberado pela Anvisa, até então, para esta faixa etária.

Também em agosto, uma iniciativa análoga à realizada em Paquetá aconteceu na Maré, local que se tornou referência no controle da covid-19<sup>18</sup>, mesmo com alta densidade populacional, cadeias de transmissão próprias e grande circulação local do vírus. O #VacinaMaré vacinou com duas doses mais de 36 mil pessoas, número equivalente a 94.4% da população adulta da região, em 2021.

Contrariando certos prognósticos e comprovando mais uma vez o compromisso do carioca com a vacinação, a cidade do Rio chegaria, em 20 de setembro de 2021, à marca de 99% da população adulta vacinada com a primeira dose, um número raro de ser alcançado mesmo nas bem sucedidas campanhas de vacinação das décadas de 1960 a 1990, quando alcançamos o controle de doenças como a poliomielite, considerada eliminada no território nacional em 1994, quando foi emitido o certificado da Organização Panamericana de Saúde (OPAS/OMS). No entanto, o Brasil não atinge desde 2015 a

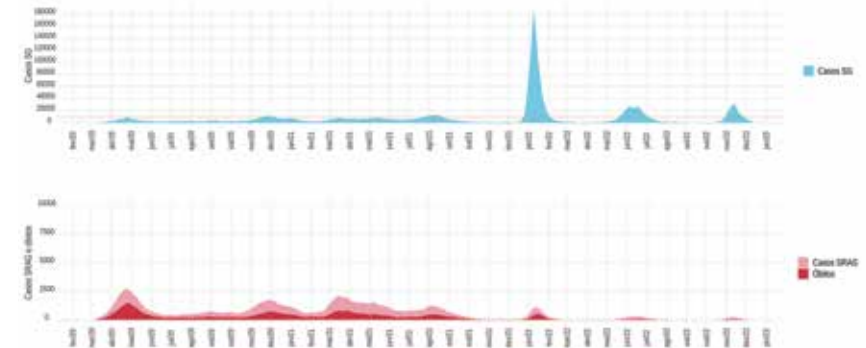


<sup>18</sup> Campanha incentiva a Maré a tomar 2ª dose da vacina Covid-19 (Luciana Bento / Conexão Saúde). 08/10/2021.



<sup>19</sup> Com primeiro surto no Brasil registrado em 1911, poliomielite ainda preocupa (Luana Dandara / Portal Fiocruz). 4/05/2022.

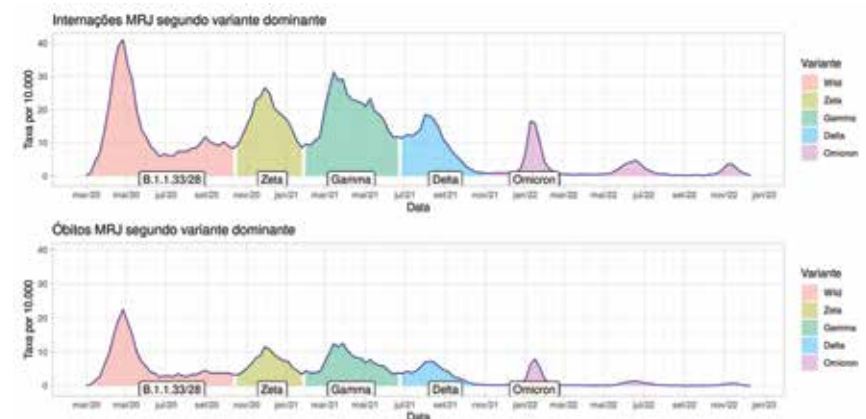
**Ao lado: Internações e óbitos por variante dominante em cada período da pandemia (Fonte: EPI-Rio/SIVEP Gripe/Central de Regulação/SUBGERAL - SMS-Rio)**



meta de 95% do público-alvo vacinado contra a pólio<sup>19</sup>, patamar considerado necessário para que a população esteja, de fato, protegida.

Para José Cerbino Neto, muitos fatores influenciaram nesse resultado tão expressivo da vacinação contra a covid-19 no município, especialmente a percepção de risco, que, no momento inicial da pandemia, era bastante alta, estimulando a busca pela primeira dose. No caso da dose de reforço, há mais dificuldade em se alcançar taxas tão elevadas, uma vez que o menor número e gravidade de casos, situação ocasionada pelo próprio su-

**Acima: o gráfico em azul mostra as internações por cada período da pandemia, enquanto o gráfico em vermelho mostra os óbitos no mesmo período, evidenciando a eficácia da vacinação (Fonte: EPI-Rio/SIVEP Gripe/Central de Regulação/SUBGERAL-SMS-Rio).**



cesso das fases anteriores da vacinação, acabam por reduzir a percepção de risco da população.

Ao final, na disputa de narrativas, é possível dizer que a ciência venceu, e de lá para cá, no Rio de Janeiro. Foi um clássico digno de Maracanã, com a goleada a cargo daqueles que optaram por acreditar na ciência e respeitar o conhecimento dos que investiram anos e anos em prol da saúde pública.

## Um mar menos agitado

Com a redução dos casos, a partir de uma análise do período que vai de 2020 a 2022, é possível notar cinco diferentes ondas da pandemia no município do Rio de Janeiro, cada uma delas com picos causados em períodos de predominância de determinadas variantes do vírus. Pelo gráfico, é possível observar expressiva redução das taxas de letalidade e mortalidade na onda causada pela variante ômicron.

Entre março de 2020 e o mesmo mês de 2022, um total de quase 1 milhão de casos da doença foram registrados no município do Rio. No gráfico de evolução da pandemia no município, é possível observar os diversos picos nos casos graves e óbitos, ou, no termo que se popularizou na imprensa e em toda a sociedade, nas diversas "ondas" da covid-19 ao longo de cerca de dois anos.

Além dos registros relativos aos casos de



**Tia Surica, baluarte da Portela, recebeu a primeira dose da vacina contra a covid-19 aos 80 anos, no Parque de Madureira, em 27/02/2021 | Foto: Edu Kapps**

covid-19, outros dois indicadores mereceram atenção ao longo da pandemia, os de casos de Síndrome Gripal (SG) e de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG). Os casos de SG apresentam uma distribuição irregular ao longo da pandemia, influenciados por baixos indicadores de testagem nas fases iniciais, bem como com a epidemia paralela de influenza ao final de 2021 e início de 2022.

Por outro lado, os casos de SRAG foram uma das grandes referências para as ações de assistência ao longo de todo o período. Eles serviram como um guia para se mensurar a gravidade da pandemia e a necessidade de ampliação de leitos e determinação de ações de distanciamento social, por exemplo.





# 5 HERÓIS DE *todo dia*

*“E aprendi que se depende sempre  
De tanta, muita, diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas  
pessoas  
E é tão bonito quando a gente entende  
Que a gente é tanta gente onde quer que  
a gente vá  
E é tão bonito quando a gente sente  
Que nunca está sozinho por mais que  
pense estar”*

(Gonzaguinha, Caminhos do Coração)

Ao longo da pandemia, uma marca ficou registrada em fotos e no rosto de cada trabalhador da saúde: a das máscaras. O registro dos rostos marcados pelo uso intenso dos equipamentos de proteção pelos profissionais viralizou após a publicação de uma “selfie” do médico italiano Nicola Sgarbi.

— Você começa a conhecer as pessoas pelos olhos. Lembra da voz, mas não sabe como é o rosto — relata o médico Daniel Lopes da Mata, que atuou no hospital de campanha do Riocentro e no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, referência no tratamento em covid-19 no município — É uma outra maneira de entrosamento no ambiente de trabalho. Melhoramos nossos outros sentidos, que não só a visão. Reconhecer pelas vozes, por uma pequena cicatriz, pela orelha.

E não foi só a forma de reconhecer os colegas no ambiente de trabalho que mudou. Os profissionais de saúde que estavam na linha de frente no combate à doença ganharam um status diferente na sociedade. Ao enfren-

Italiano Nicola Sgarbi registrou selfie com hematomas pelo uso das máscaras de proteção | Foto: Reprodução Instagram





tar seus medos e angústias em nome da saúde de todos, foram alçados à figura de herói, com direito a homenagens expressadas em aplausos e cartazes na janela por uma população que, isolada e em quarentena, acompanhava à distância o esforço daqueles que saíam diariamente de casa para salvar vidas.

## A jornada do herói: medo, incerteza e superação

O principal desafio era lidar com uma doença nova, ainda desconhecida, sobre a qual, no começo, nem mesmo as formas exatas de transmissão ou o grau de gravidade de a que poderia chegar eram conhecidas. Uma doença sem tratamento, que vitimava principalmente idosos.

— Fiquei sem ver meus pais, minha avó, por oito meses, sem saber se ela podia pegar a doença, meus pais também. Ligava, preocupado — conta Daniel.

O enfermeiro Fabricio Maciel, que, assim como Daniel, também atuou no Riocentro e no Gazolla, viveu dias angustiantes no início da pandemia.



Profissionais de saúde são homenageados com aplausos nas janelas (Gilberto Porcidonio e Louise Queiroga / O Globo). 20/03/2020.

— Meu avô era vivo e era bastante complicado, porque eu morava com ele. Tinha muito medo de levar a doença pra casa... parecia um filme — lembra o enfermeiro.

Além de dar um mergulho no desconhecido em termos de assistência, os trabalhadores de linha de frente se afogavam também com a falta de leitos e o excesso de pacientes, a alta demanda de carga horária de trabalho, a superlotação nos hospitais adaptados e, claro, o risco de ter a doença, que também acometia os profissionais de saúde, ocasionando a falta de médicos e de enfermeiros, e a urgente convocação de profissionais recém-formados às pressas.

Daniel se emociona quando relembra as situações que vivenciou no hospital de campanha montado no Riocentro.

— Estava no hospital de campanha desde a segunda ou terceira semana depois da abertura e fiquei até fechar. A princípio não tinha uma estrutura, o hospital tinha acabado de ser montado. Meu celular tocou, fui indicado pra dar a plantão lá. No primeiro dia, fiquei com 20 pacientes graves, praticamente sem descanso no plantão noturno. Nos poucos minutos que consegui descansar, foi no chão, sem estrutura. Só decidi voltar pela gravidade dos pacientes — conta o médico.

A mesma situação foi vivenciada por Fabricio.

— Quando chegamos no RioCentro, nos deparamos com inúmeros obstáculos. Desconhecimento da doença, hospital improvisado e profissionais sem experiência técnica. Muita gente em seu primeiro emprego. Tivemos bastante dificuldade, o treinamento era diário. Todas as incertezas se juntavam. Muitas pessoas desistiram no meio do caminho. Nos primeiros dias eram 10 profissionais, apenas um com experiência — complementa Fabricio.

Com o início da vacinação e o avanço das pesquisas científicas, o medo e as incertezas começaram a reduzir, como destacou o então diretor do Gazolla, Roberto Rangel.

— O Hospital Municipal Ronaldo Gazolla foi o primeiro local onde os funcionários foram vacinados. Foi um momento muito simbólico para eles, que estavam trabalhando só com o atendimento da covid. O fato de terem se vacinado trouxe um certo alívio, mas ainda muito ponderado, pois suas famílias ainda não estavam protegidas e também pelos pacientes. Todos os profissionais foram vacinados em tempo recorde — pontuou Rangel.

Foi ele que deu à técnica de enfermagem Dulcinéia da Silva Lopes, que também trabalhava na unidade, a notícia de que ela seria uma das primeiras pessoas a serem vacinadas no município do Rio, na cerimônia aos pés do Cristo Redentor. Naquele momento, Dulcinéia contabilizava oito meses de trabalho na linha de frente da resposta à covid-19 na cidade, em contato direto com pacientes infectados, sem ter contraído a doença. Segundo ela, não pegar o vírus foi uma promessa que fez ao marido.

— Quando fui chamada, meu marido ficou um pouco resistente. Mas, quando veio aquele “boom” da doença, não havia profissionais o suficiente. Eu disse que ia e garanti a ele, prometi a ele que não pegaria covid, e até hoje não peguei. E nós, técnicos da rotina, botamos a mão e fomos ajudar. Até mesmo o pessoal da chefia foi ajudar — lembra Dulcinéia.

A enfermeira e sanitarista Gislani Mateus, enquanto parte do COE COVID-19 RIO, integrou o time que gerenciava insumos, produzia informação e ajudava a articular a logística de distribuição dos imunizantes e a organização do calendário de vacinação, mas também aplicou a vacina direto nos braços dos cariocas quando foi necessário.

— As pessoas falam muito sobre o cuidado com o

**Gislani Mateus integrava a equipe que articulava a logística de distribuição dos imunizantes, mas também aplicou a vacina direto nos braços dos cariocas. | Foto: Arquivo Pessoal**





paciente, mas a vacinação também é um cuidado. Vacinar alguém é renovar a esperança. Enquanto as pessoas eram incentivadas a ficar em casa, nós fizemos o movimento oposto para manter e aumentar a cobertura vacinal. E, com isso, tivemos que nos reinventar para nos proteger — destaca Gislani — É um trabalho árduo de inúmeros enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares. Minha família mora em outro estado, fiquei seis meses sem encontrá-los. Meu pai acabou sofrendo um infarto e falecendo nesse período, depois minha mãe testou positivo, mas não chegamos a saber se ele foi infectado.

## As marcas no rosto e na memória

Não foram apenas os rostos dos trabalhadores da saúde que ficaram marcados pelo uso constante das máscaras de proteção facial.

— Viramos uma espécie de família para os pacientes, também fazia parte do trabalho acalantar as pessoas — destaca o enfermeiro Fabrício.

Na memória de cada um ficarão, para sempre, lembranças que misturam medo, tensão, responsabilidade e senso do dever.

— Os pacientes não queriam ser intubados, eles tinham muito medo — complementa o médico Daniel.

Por outro lado, também houve momentos de alívio, como muitas vezes registrados nas cenas de pessoas comemorando a saída dos hospitais sob aplausos depois da cura. Um momento de particular alegria na rotina do hospital de referência no tratamento à covid no Rio foi quando, em 15 de novembro, Adelino Gomes Silva Filho, então com 70 anos, o último paciente com covid-19 in-

ternado na unidade, recebeu alta. O morador da Ilha do Governador e pai de nada menos que 29 filhos deixou o Gazolla sob aplausos de toda a equipe, com a ilustre “escolta” do prefeito Eduardo Paes e do secretário de Saúde, Daniel Soranz.

## Humanização no cuidado

O grande esforço psicológico dos profissionais tinha também um objetivo: o de dar um tratamento mais humano aos pacientes. E esse foi um dos principais focos do Hospital Ronaldo Gazolla ao receber os últimos pacientes do hospital de campanha do Riocentro.

— O nosso foco era na qualidade do atendimento, para reduzir mortalidade, e na humanização, pelo histórico negativo que tínhamos do isolamento dos pacientes das suas famílias. E sabíamos que faltava humanização no cuidado. O Riocentro tinha um atendimento muito frio, pouco acolhedor — destaca o diretor do hospital.

Entre as ações adotadas para reduzir o sofrimento dos pacientes e a angústia das famílias por informações estava o fortalecimento da comunicação com boletins diários e comunicação ativa. Além disso, foi intensificado o trabalho de visita virtual, intermediado pelo setor de psicologia.

## Depois do alívio, um novo susto

Com o avanço da vacinação, os hospitais começaram a vivenciar um novo momento: o das internações daqueles que não se vacinaram, seja porque ainda não havia chegado em suas faixas etárias, seja pela decisão



Adelino Gomes Silva Filho, último paciente com covid-19 internado no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, recebe alta | Foto: Beth Santos

de não se vacinar, impulsionada pelas campanhas antivacina. Esse e outros momentos em que tudo parecia indicar uma redução da pandemia, mas retomava com uma nova onda, foram grandes desafios para os profissionais.

— A equipe já estava muito cansada, teve que se reinventar. Era um momento diferente da pandemia, existia uma especificidade naquele momento. Vimos uma população mais jovem sendo internada, mudou o perfil, começamos a perceber um aumento de pessoas em faixas etárias mais jovens, o que dava uma dramaticidade, uma carga emocional muito mais pesada — relata Rangel sobre uma nova onda da pandemia, já após o início da vacinação dos idosos.

E, além das pessoas que ainda não haviam conseguido se vacinar por falta de vacinas, havia o arrependimento daqueles que já poderiam ter se vacinado.

— A partir de julho, basicamente não tínhamos mais pacientes vacinados internados. Muitas pessoas arrependidas por não ter se vacinado, o sentimento de culpa das famílias por não ter levado os familiares para se vacinar — conta o diretor.

— A pandemia trouxe a lição de que precisamos um do outro, e de que todos os profissionais precisam ter uma comunhão pelo paciente. A grande lição é ter mais união e mais empatia — destaca Daniel da Mata, médico do hospital.

O enfermeiro Fabricio Maciel destaca ainda outra adaptação que muitos profissionais de saúde terão que enfrentar, especialmente aqueles que iniciaram suas carreiras durante a pandemia.

— O que era diferente se tornou normal na nossa vida, a paramentação, toda a condição que a covid-19 nos obrigou a seguir. Estamos tendo que nos reacostumar com a enfermagem de uma vida inteira — conclui.

"2020 foi um ano de muitos desafios, a vigilância epidemiológica, as testagens para diagnóstico, o monitoramento dos casos e toda assistência hospitalar. Entramos em 2021 com uma nova medida de intervenção, que era o que realmente desejávamos: a vacinação direta da população, a princípio, nos grupos mais afetados."

Nadja Greffe, enfermeira sanitária e coordenadora de Imunizações da SMS-Rio

| Foto: Edu Kapps



## INTERLÚDIO III: A PETIT MORT DO ASSESSOR

Sexta-feira, 19 de fevereiro de 2021  
Centro de Operações Rio (COR)

**190.474**

Número de casos notificados  
de covid-19 na cidade do Rio.

**17.521**

Óbitos por covid-19 na  
cidade do Rio de Janeiro.

Aquilo era uma novidade. Embora tivesse começado suas atividades na Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal de Saúde nos primeiros dias da nova gestão, ainda em janeiro de 2021, o publicitário Vitor Martins ainda não havia participado da operação das já tradicionais coletivas semanais de imprensa para apresentação do Boletim Epidemiológico da covid-19 na cidade do Rio.

Não que isso fosse empecilho para ele. Metódico e organizado, Vitor havia chegado cedo, antes das 7 da manhã, ao Centro de Operações Rio. Além disso, as novidades constantes eram parte importante do que o fascinava sobre o trabalho na Ascom. Nesse dia, ele teria a responsabilidade inicial de imprimir e distribuir as cópias da apresentação das 8 horas naquele dia ao prefeito Eduardo Paes, ao secretário de Saúde, Daniel Soranz, e ao superintendente de Vigilância em Saúde da SMS, Márcio Garcia.

Como de hábito, a apresentação foi preparada por seus colegas de equipe na noite anterior, mas havia algumas mudanças simples, de última hora, em virtude da atualização de alguns dados de um dia pro outro. Vitor efetuou e conferiu as mudanças com a coordenadora de Comunicação, Paula Fiorito, e foi atrás do representante do COR que

lhes havia sido indicado para ajudar com as impressões. Após alguns desencontros, subidas e descidas pelas escadas do arrojado Centro de Operações, o assessor enfim encontrou a sala onde ficava a impressora, sobre a qual já havia sido advertido. Em contraste com a estrutura de última geração do COR, que contava até com medição automática de temperatura na entrada, o aparelho não era dos mais modernos.

Eram 7:30. Em teoria, tempo de sobra.

Só que o equipamento não colaborou. Algumas páginas das cerca de 60 impressões necessárias saíram com as imagens cortadas, tortas ou manchadas. Joga fora, ajusta, adapta, imprime novamente. Agora sim. Vamos à segunda cópia.

Enquanto as últimas páginas da segunda cópia da apresentação, que seria entregue ao secretário, saíram da bendita impressora, Vitor ouviu, de uma sala adjacente, em característico sotaque do Ceará, cinco palavras que gelaram seu sangue.

**— Bom dia, pessoal. Vamos começar — dizia a voz de Márcio Garcia, dando às boas-vindas às autoridades e jornalistas já bem acomodados na Sala de Crise do COR para a coletiva daquela manhã.**

Impassível por fora, mas trêmulo por dentro, Vitor fitou intensamente a impressora enquanto o aparelho liberava as últimas páginas. Chega de pose. Declaradamente esbaforido, o assessor correu para a Sala de Crise, esperou alguns segundos para recuperar o fôlego, adentrou o local da coletiva, já em curso, e entregou as cópias da apresentação ao prefeito e ao secretário de Saúde, deixando a terceira impressão no local da mesa onde Garcia costumava sentar após terminar a apresentação inicial dos dados.

Com a missão inicial finalmente cumprida, Vitor se posicionou discretamente a alguns passos da mesa e

começou a acompanhar, em silêncio, a coletiva. Nesse momento, em novo susto, seu smartwatch apitou um alerta: nos minutos anteriores, o ritmo dos batimentos cardíacos do assessor havia superado em muito o considerado normal para uma pessoa que não estava praticando atividades físicas naquele momento.

É, aquilo era uma novidade. Mas as emoções fortes eram parte importante do trabalho na Ascom.

Foto: Edu Kapps

6 O ZÉ GOTTA  
*ficou maluco*

***“Pegue o comprovante  
Vá na unidade  
Cheque o calendário  
Se está na sua idade  
Lembrando que não tem mistério  
Nem se for a primeira vez  
Veja quantas mais você volta  
Se são duas ou três”***

**(Zé Gotta, Vem vacinar)**

**E**m 2021, a comunicação da saúde virou notícia. Tudo a partir de um celular na mão e muitas ideias na cabeça de um time formado por jornalistas, publicitários, videomaker, relações públicas e até um mascote de pelúcia que ganhou vida própria. Evidentemente, os temas da saúde e vacinação foram catapultados ao olho do furacão da atenção pública e foram alçados a assunto diário e cotidiano no contexto da pandemia de covid-19.

Mas, na outra ponta, a equipe da Assessoria de Comunicação Social da Secretaria Municipal de Saúde do Rio (Ascom/SMS) soube conduzir sua atuação nesse momento com uma combinação de sensibilidade, ousadia e, principalmente, capacidade de escuta e diálogo com a população carioca.

## **Do calendário às trends**

Tudo começou com uma mudança radical na forma de tratar a pandemia. Antes concentrado no perfil da Prefeitura, o tema passou a ser o foco das redes sociais da SMS com a mudança da gestão, a partir da primeira semana de janeiro de 2021. Ao se observar as postagens



No Dia Mundial do Rock, Zé Gotinha solta a voz em paródia-convocação no Rio (G1). 13/07/2022.

O “Zé Gotta” da @saude\_rio, encarando o SARS-Cov-2 em batalha nas redes | Reprodução

anteriores a esse período, surpreendentemente muito pouco foi postado sobre a covid-19.

Naquele momento de tensão e ansiedade pela vacina, o desafio era trabalhar os temas com transparência e agilidade, sem alarmismo, e ainda despertar o interesse do público para as postagens que não tratavam do calendário de vacinação.



— Quando começamos o trabalho, as pessoas buscavam o calendário de vacinação, porque sabiam que as atualizações viriam dali. Fomos aproveitando esse momento para transmitir outras informações importantes, utilizando uma abordagem diferente do que seria usual para um perfil institucional — relata Paula Fiorito, coordenadora de Comunicação Social da pasta.

Assim como o próprio secretário Daniel Soranz, Paula também retornou, em plena pandemia, ao cargo que ocupara quatro anos antes na Saúde do município, de 2009 a 2016. Apesar do contexto, agora, ser radicalmente diferente, a assessora de trejeitos elegantes, olhar apaixonado pela profissão e dona de ideias mirabolantes não se intimidou.

Especialista em gestão de crise, com mais de 20 anos de experiência em Comunicação e Saúde, e defensora do SUS, Paula levava consigo suas melhores armas: a capacidade de pensar rapidamente em soluções estratégicas, o talento natural para montar e liderar um time capacitado e a simpatia e bom humor na medida certa para enfrentar situações adversas.

**Marquês de Sapucaí é cenário para gravação de vídeo sobre o uso de máscaras | Fotos: Arquivo pessoal**



— Se tenho algum mérito, é na escolha da equipe. Não é a primeira vez que eu monto e coordeno um time para atuar na comunicação em saúde pública. Mas foi, de fato, a primeira vez em um cenário como esse. Optei por trabalhar em duas frentes: um núcleo de conteúdo, responsável por todo o material institucional, redes sociais, campanhas, apresentações, design, planejamento; e um núcleo de atendimento à imprensa, para atuar diretamente com os veículos, coletivas, notas, releases, entrevistas — explica a coordenadora.

**Equipe da Ascom se reúne pela primeira vez em 2021, no dia 2 de janeiro | Fotos: Arquivo pessoal**

Integrada diretamente ao gabinete do secretário de Saúde, inclusive fisicamente, a Ascom participou diretamente da formulação e apresentação das estratégias de resposta à pandemia e vacinação. A equipe de design, que integra o núcleo de conteúdo, desenvolvia e produzia incansavelmente a identidade visual das ações e campanhas, cards para redes sociais, manuais de vacinação, sinalização de unidades e postos e outros materiais institucionais e para comunicação externa.

Veterano do time, o designer Aluisio Bispo esteve no centro de um dos bordões mais repetidos no gabinete em 2021:



— Bispo, calendário! — exclamava o secretário Daniel Soranz, ao entrar na sala da assessoria de comunicação para anunciar alguma novidade no calendário de vacinação.

Era a senha para a equipe se mobilizar para o eventual novo anúncio, enquanto o secretário, muitas vezes, demonstrava e debatia as decisões estratégicas, em tempo real, diretamente com quem seria responsável por transmitir essas informações à população com clareza, concisão e empatia.

A estratégia deu certo. Enquanto, por um lado, as redes sociais da SMS tiveram um crescimento digno de nota em número de seguidores, volume de postagens, engajamento, visualização e compartilhamento de informações, por outro lado, a equipe de atendimento à imprensa conseguiu garantir espaço nas principais emissoras de televisão e rádio e jornais impressos, diariamente e de forma positiva, comunicando de forma clara e objetiva,



sem alarde e pânico nos momentos de piora da situação epidemiológica.

— A partir de 2021, com a mudança de governo e a chegada da vacina, a relação da SMS com a imprensa mudou — conta Cláudia Ferrari, segunda em comando e parceira inseparável de Paula — Porta-vozes ativos e disponíveis foram fundamentais nesse processo.

O secretário Soranz era o principal deles, seguido pelo superintendente de Vigilância em Saúde, Márcio Garcia, e outros gestores e profissionais das áreas técnicas da SMS, como a coordenadora do Programa de Imunizações, Nadja Greffe, e a sanitarista e mestre em Saúde Pública Gisliani Mateus.

As agendas com a imprensa se tornaram diárias, sempre com um novo anúncio. Além dessas agendas, outras entrevistas eram concedidas ao longo do dia, conforme a demanda, que era atendida em sua quase totalidade. A meta era ocupar os espaços para manter a população informada.

**Fãs de anime e rock and roll: Zé e Maria Gotta nos bastidores | Fotos: arquivo pessoal**

— Os pedidos de entrevista chegavam quase em cima do deadline, não tinha horário e distância não era empecilho. Coisas como "o secretário pode entrar ao vivo em meia hora em videoconferência?". E não trabalhávamos com a hipótese de não atender. A gente se sentia montando um quebra-cabeça — lembra Cláudia — E a equipe de Conteúdo somava também, porque precisávamos jogar nas onze.

Se o calendário de vacinação foi responsável pelo "boom" de seguidores e curtidas no período inicial da gestão, a criatividade e sintonia com a linguagem e humores da internet foram também essenciais para o sucesso continuado nas redes. Considerando apenas o Instagram como referência, o perfil institucional da SMS, @saude\_rio saiu de cerca de 20 mil seguidores para mais de 200 mil seguidores em apenas oito meses, ultrapassando 320 mil em 2022.

Zé Gotta ataca de DJ | Foto: [arquivo pessoal](#)



## O retorno do querido Zé Gotinha (e o nascimento do Zé Gotta)

Em meio à campanha de vacinação mais aguardada da história, o clássico Zé Gotinha, criado em 1986, a pedido do Ministério da Saúde, pelo artista plástico Darlan Rosa, retomou seu papel central como figura da comunicação em saúde.

— Ele sempre foi usado no município, até porque a Atenção Primária à Saúde é muito forte em relação à imunização. Mas, nesse caso, a virada foi, em primeiro lugar, pelo resgate do personagem que estava 'sumido'. Em segundo, foi a adaptação e reformulação do Zé Gotinha para que ele passasse a interagir com o universo mais jovem nas redes sociais — lembra Paula Fiorito.

Entre os destaques da comunicação nas redes, estiveram os momentos direcionados aos jovens em campanhas temáticas que colocavam o Zé em situações e looks inspirados pelas ondas culturais de cada momento e alguns dos mais populares personagens da cultura pop, de acordo com a faixa etária, como Harry Potter, os super-heróis da Marvel e DC, os guerreiros jedi de *Star Wars* e as As Meninas (ou Gotinhas) Superpoderosas, entre outros.

E, se as postagens que traziam a imagem do Zé Gotinha tiveram tamanha repercussão, o Zé Gotta da @saude\_rio não ficou atrás. Tudo começou com uma fantasia antiga da Secretaria, usada em uma ação interna. Ao perceber o quanto as pessoas ficaram sensibilizadas com a ação, a equipe apostou em usar o traje para produzir vídeos para as mídias sociais da SMS.

Os posts mostravam desde coreografias dos hits musicais do momento, executadas com níveis variados de competência pelo Zé, a produções mais elabo-

radas, como um pesadelo do personagem, postado no Dia das Bruxas em 2021, que contou até com um antagonista, na forma de uma fantasia roxa da Vigilância Sanitária que, no vídeo, representava o próprio coronavírus.

— No meio da pandemia, que tinha muitos momentos de tristeza, conseguimos nos comunicar de uma forma leve e alegre — pontua Paula Fiorito.

Com o tempo, o Zé Gotinha da SMS virou Zé Gotta, ganhou personalidade e até crachá. A expressão corporal do personagem transmite um misto de simpatia com malandragem, em uma exaltação da carioca em sua essência.

A popularidade do Zé Gotta foi e continua a ser um



Zé Gotinha se inspira em Harry Potter para atrair jovens em vacinação no RJ (Giulia Ventura). 15/09/2021.

dos pontos altos das interações nas redes da Secretaria de Saúde. Além do sucesso nos posts publicados no Facebook, Instagram e Twitter, uma nova via surge na forma do TikTok, com vídeos mais curtos e até nonsense, seguindo a linguagem, regras e estratégias próprias da plataforma. Uma rápida vinheta com o Zé fazendo referência à série *Stranger Things*, por exemplo, passou das 650 mil visualizações na rede.

As especulações do público sobre a “verdadeira identidade” do Zé Gotta, que incluíam o secretário municipal de Saúde e até o prefeito Eduardo Paes entre as possibilidades, também alimentaram a curiosidade sobre a equipe de comunicação — que, diga-se, jurou jamais revelar o segredo.



## O “estagiário” das mídias sociais

O Zé Gotta não foi a única figura a ganhar notoriedade nas redes da Secretaria: muitas das mensagens e comentários recebidos parabenizavam um suposto “estagiário”, numa alusão ao caráter informal dos posts e à abordagem de temas em alta na cultura jovem.

Mas não, não havia apenas um estagiário antenadíssimo aprontando nas redes da SMS. Na verdade, todo um time plural e multidisciplinar atuava para que os esclarecimentos sobre a vacinação e desenvolvimentos da pandemia ocorressem de forma fluida e leve em um momento que tinha tudo para ser — e muitas vezes era — tenso.

— Temos uma equipe múltipla, de diversas formações, muita experiência, idades e vivências diferentes e com muita liberdade para trabalhar os conteúdos. Os posts não passavam por aprovação da parte criativa, a avaliação era só técnica. Essa liberdade fez com que a equipe se motivasse e deixasse as ideias fluírem, mas sempre prezando por uma comunicação pública, assertiva e informativa — conta Paula Fiorito.

O Núcleo de Conteúdo, coordenado pela jornalista e publicitária Clarissa Mello, desenvolvia as ideias dos posts, respondia aos comentários e mensagens do público nas redes, produzia, gravava e até narrava os vídeos, além de manter uma interlocução direta com todas as áreas da SMS. E assim é até hoje. Segundo ela, o ponto da virada nas redes, em termos dessa interação com o público, veio no momento em que o calendário da vacinação contra a covid-19 já avançava para a faixa etária abaixo dos 30 anos, com maior disponibilidade de imunizantes.

— Depois de muita pressão, quando as doses estavam chegando e foi possível acelerar o calendário, a gente ainda via as pessoas muito ansiosas, mas já

havia memes sobre o tema rolando de forma orgânica na internet. E, ali, nós vislumbramos a possibilidade de brincar um pouco mais — conta Clarissa.

Essa nova fase teve início com um post que brincava com a discrepância do conhecimento sobre o universo digital entre a galera que ainda é jovem, mas não necessariamente compreende e participa de todas as tendências que surgem (e desaparecem) velozmente no contexto dinâmico das redes.

Diante da boa receptividade, poucos dias depois, a equipe trabalhou em um post em alusão à banda Restart, que chegou a ser compartilhado pelos próprios integrantes.

— Esse foi o divisor de águas, e a gente começou a pisar em um terreno novo. Estávamos falando de um assunto sério, em nome de uma instituição séria, mas essa abordagem, em um momento que já tínhamos uma visibilidade e credibilidade mais estabelecidas junto ao público, gerou uma identificação ao ponto de as pessoas tomarem para si as postagens direcionadas às suas idades, e pedirem novas temáticas para as faixas etárias que ainda não haviam sido contempladas — lembra Clarissa.

Anos antes, atuando como repórter de um tradicional jornal carioca, ainda na gestão anterior de Paes, Clarissa demonstrava um domínio e interpretação notáveis dos dados apresentados pela Secretaria Municipal de Saúde. Após colocar em pauta, por diversas vezes, questionamentos mais assertivos do que costumava esperar o time SMS, em 2012 foi convidada por Paula Fiorito e Márcio Garcia a integrar a equipe de comunicação da instituição.

O engajamento gerado deu resultado e virou *trend* (como são chamadas as tendências meteóricas nas redes), atraindo a atenção da população e também da imprensa. O que era visível aos olhos de quem acompanhou os perfis da SMS nas redes se traduziu em nú-

meros que mostram a expressividade dos resultados.

O aumento acelerado de seguidores se deu de forma praticamente constante entre março e setembro de 2021, com uma redução no ritmo de crescimento desde então, mas mantendo a tendência de alta. O pico de novos seguidores no Instagram foi alcançado na semana de 16 a 22 de junho de 2021. A principal postagem foi o tão esperado calendário completo de vacinação, que previa a conclusão da aplicação das doses em todos os adultos cariocas até 31 de agosto de 2021. O post chegou a quase 100 mil curtidas. O volume de novos seguidores acumulados nesta semana foi de mais de 18 mil pessoas.

Outro momento de alta foi entre 15 e 22 de agosto. A semana foi marcada por postagens criativas que faziam referência a personagens e celebridades populares entre o público jovem, da série *High School Musical* aos Vingadores da Marvel, passando pela animação japonesa *Naruto*, a franquia de filmes e livros *Jogos Vorazes* e a boyband One Direction. O volume de seguidores adquiridos nesta semana ficou em torno de 12 mil novas contas.

Embora as novas mídias sociais ganhem cada dia mais destaque no consciente coletivo, a boa e velha imprensa diária segue como a referência mais importante em termos de informação para boa parte da população.

Mesmo com a crescente animosidade de uma parcela da população em relação à atuação das grandes mídias no Brasil e no mundo, dados de 2022 do estudo *Digital News Report*<sup>20</sup>, da Reuters, indicam que o brasileiro está entre os cidadãos do mundo que mais confiam nos meios jornalísticos, chegando a 54%. De acordo com o levantamento, os canais dos veículos tradicionais ainda são a preferência de oito entre dez brasileiros para acessar notícias.

— A imprensa reassumiu o papel fundamental de prestar um serviço à população. Foram nossos



<sup>20</sup> "Reuters Institute Digital News Report 2022". Nic Newman, Richard Fletcher, Craig T. Robertson, Kirsten Eddy, Rasmus Kleis Nielsen. 2022.



parceiros, sem deixar de lado as cobranças quando necessário. O entendimento de todos foi que a informação era e é o ator principal. Assim, atuamos com muita transparência junto aos jornalistas. Até nos momentos de dificuldades, a imprensa teve a compreensão de que era um momento difícil de gestão — destaca Paula Fiorito.

Da esq. para a dir.: Paula Fiorito, Patrícia Avolio, Clarissa Mello, Márcio Garcia e Claudia Ferrari | Foto: Edu Kapps

Composto por seis profissionais coordenadas pela jornalista Elaine Duim, o núcleo de atendimento à imprensa atendeu a impressionantes 14,6 mil demandas dos veículos de comunicação, enviou 5,4 mil notas, 217 releases e contabilizou 6,4 mil matérias positivas veiculadas em diferentes meios sobre a atuação da Prefeitura e da SMS, frente a pouco mais de mil publicações com viés negativo.

— A credibilidade da SMS com a imprensa cresceu muito, e o Rio virou referência para as estratégias de outras cidades e até do Ministério. No período de pico da vacinação e durante a onda da variante ômicron, as demandas chegaram a 100 pedidos di-

ários. Todas eram planilhadas e respondidas, com a equipe atuando das 6h às 22h — conta Elaine.

Entre os principais assuntos que chamaram a atenção da imprensa e do público, além da campanha em si, estiveram os momentos em que faltaram insumos ou vacinas, muitas vezes devido aos atrasos nos envios acordados com o Ministério da Saúde na rede; a comprovação vacinal e as ações de vacinação em massa em Paquetá e na Maré.

— Voltamos a ter um pouco mais de espaço, mesmo sem exclusividade. Todas as informações foram re-

passadas a todos ao mesmo tempo. Os jornalistas sempre estiveram muito próximos do secretário, mas ninguém exigia exclusividade. — conta Paula.

De fato, ao longo de todo o ano de 2021, Daniel Soranz foi figura constante no noticiário, dando entrevistas quase diárias aos principais telejornais sobre o status da pandemia na cidade, no país e no mundo, detalhando as próximas etapas da resposta à doença na saúde pública e da campanha de vacinação em curso. Mesmo pessoas que nem sabiam que ele era o secretário municipal de Saúde o reconheciam como um “especialista da TV” quando o assunto era a covid-19.

Parte da equipe Ascom/  
SMS com o secretário Da-  
niel Soranz | Foto: arquivo  
pessoal





# 7 40 graus: O Rio volta à *ebulição*



***Minha alma canta,  
Vejo o Rio de Janeiro,  
Estou morrendo de saudade.  
Rio, teu mar, praias sem fim,  
Rio, você foi feito pra mim.***

**(Tom Jobim, Samba do Avião)**

Desde os primeiros momentos de incerteza da pandemia, uma questão permanecia em pauta: a necessidade de retomada das atividades econômicas. A grande dú-

Liberação do uso obrigatório de máscara foi comemorada por parte dos cariocas | Foto: Edu Kapps

vida era sempre: qual seria o momento ideal para uma retomada em maior escala? E como conduzir esse processo de forma segura?

Outro ponto que merece um destaque à parte é a questão das escolas. Não é difícil chegar ao consenso sobre a importância da educação e da escola para nossas crianças e adolescentes. Mas como avaliar o benefício e o risco relacionados à abertura ou fechamento das escolas?

Ainda no primeiro ano da pandemia, a Prefeitura do Rio instituiu, por meio do Decreto Rio nº 47.488, de 2 de junho de 2020<sup>21</sup>, um comitê estratégico para desenvolvimento, aprimoramento e acompanhamento do Plano de Retomada do Município. No entanto, devido aos altos e



<sup>21</sup> “Decreto Rio N° 47.488 disponível para visualização.



baixos das ondas da pandemia, o plano em referência nunca chegou a ser efetivamente implementado.

Aos poucos, algumas atividades econômicas foram sendo liberadas, ainda sob diversos protocolos de saúde obrigatórios, como o uso de máscaras e redução da ocupação total dos espaços. Com o avanço da vacinação entre os adultos e buscando prevenir novas ondas da doença e, especialmente, casos graves e óbitos, a Prefeitura do Rio estabeleceu, por meio do Decreto N° 49.335 de 26 de agosto de 2021, o chamado “Passaporte da Vacina”.

Com a medida, a partir de 1º de setembro de 2021, a

**Rodrigo Prado e Márcio Garcia em evento-teste no Maracanã | Foto: Arquivo pessoal**



comprovação de vacinação contra a covid-19 passou a ser necessária para o acesso e a permanência no interior de estabelecimentos e locais de uso coletivo.

Eventos-teste realizados sob condições controladas, como jogos de futebol e algumas festas, comprovaram que, adotadas certas adaptações de capacidade e comprovação de vacinação, as taxas de transmissão eram baixas.

O primeiro evento do tipo na cidade foi realizado no dia 15 de setembro de 2021, no jogo entre Flamengo e Grêmio, no Maracanã. O IVISA-Rio também autorizou a realização de um festival e de uma festa no Alto da Boa Vista, com público de 5 mil pessoas, além de um evento para 500 convidados no Copacabana Palace sem exigência de distanciamento social e uso de máscaras.

No monitoramento até 15 dias após os eventos, a incidência de casos chegou a ser até seis vezes menor entre os participantes dos eventos do que na cidade como um todo. As informações embasaram a discussão para definir possíveis datas e protocolos de uma gradual retomada das atividades.

## Lugar de criança

— Primeira a abrir e última a fechar.

Com essa frase, repetida por diversas vezes nas coletivas de imprensa semanais, o prefeito Eduardo Paes defendia o seu ponto de vista (baseado sempre nos aconselhamentos do comitê científico, como ele sempre gostava de lembrar): as escolas precisavam ser reabertas para as crianças voltarem a estudar de forma presencial.

Mas nem todo mundo compartilhava da mesma opinião. O tema dividiu mães e pais, políticos e gerou de-

bates até mesmo entre os especialistas, especialmente no início da pandemia. E foi em meio a essas discussões que a pediatra e coordenadora do Unicef no Rio de Janeiro, Luciana Phebo, foi incluída no comitê de especialistas da Prefeitura do Rio.

Luciana, que indicou que sua intervenção no comitê foi em geral relacionada à maternidade e ao retorno às escolas, destaca que “as crianças são as vítimas invisíveis da pandemia”. Segundo ela, o Brasil foi o país que permaneceu por mais tempo com as escolas fechadas.



<sup>22</sup> Fim das férias: mais de 99% das escolas municipais retomam o ensino presencial. 2/08/2021.

**Luciana Phebo, pediatra e coordenadora do Unicef no Rio de Janeiro, em reunião do Comitê Especial de Enfrentamento à Covid-19**  
| Foto: Edu Kapps

— Escola é um local de proteção, um ambiente de segurança alimentar e ainda um local de relações sociais, de cuidado, especialmente com a saúde mental”, costumava lembrar a especialista em reuniões do comitê, onde colaborou com a construção de protocolos conjuntos das secretarias de Educação e Saúde, com o apoio do Unicef, para o retorno seguro às aulas.

E, novamente, o Rio foi pioneiro em ações de resposta à pandemia, com o retorno às aulas dentro dos protocolos sugeridos, inicialmente, de forma rotativa — o que aconteceu em agosto de 2021<sup>22</sup>. Houve um embaite inicial com alguns professores, críticas e insegurança — principalmente porque, até aquele momento, ainda não havia vacinas para as crianças. Mesmo assim, o movimento de retorno seguiu, sempre baseado nos dados de transmissão do vírus, nas melhores práticas internacionais e nas recomendações da ciência.



Paes afirma que não vai cobrar passaporte de vacinação na volta às aulas da rede municipal do Rio (Fernanda Rouvenat / O Globo). 13/01/2022.

**O Circo Voador, uma das mais tradicionais casas de shows da cidade, retomou as atividades em Outubro de 2021 com uma apresentação do cantor Marcelo D2** | Foto: Arquivo pessoal



## A epidemia dentro da pandemia

Em meados de outubro de 2021, a cidade se preparava para a retomada da vida normal, com a liberação das restrições e protocolos impostos pela pandemia. O comitê de especialistas da Prefeitura se reuniria em 29 de novembro para analisar a situação epidemiológica e permitir a realização daquele que seria o réveillon da retomada e o início dos trabalhos para o carnaval.

No entanto, na data da reunião, o cenário já não era mais tão positivo. O aumento dos casos de influenza no Brasil e a volta dos casos de novas cepas do coronavírus pelo mundo, como a ômicron, na África do Sul, preocupava os integrantes do comitê, que, naquele momento, ainda previa a possibilidade de realização dos eventos, mas já indicava que recomendações fossem feitas pelas autoridades para controle da transmissão.

Conforme o cenário parecia se estabilizar e as medidas restritivas para controle da pandemia eram gradualmente suavizadas, aparece em cena um novo fator: a Influenza H3N2. A cepa do vírus influenza A, que surgiu em Hong Kong na década de 1960, sofreu uma mutação recente na Austrália. Essa variante, apelidada Darwin, atingiu em cheio os grandes centros brasileiros, a começar pelo Rio de Janeiro.

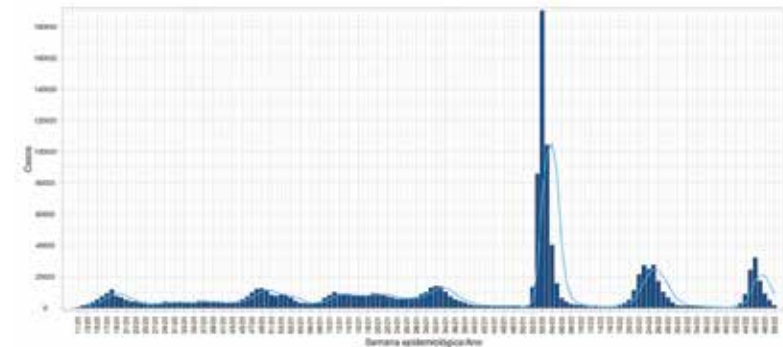
O primeiro caso foi detectado em 13 de novembro na região da Rocinha, zona sul da capital. Semanas depois, o vírus já havia se espalhado por todos os bairros da cidade.

O surto da doença levou a um novo aumento dos casos de síndrome gripal e síndrome respiratória aguda grave, bem como do número de atendimentos nos prontos-socorros e das internações em hospitais da cidade.

— **Como o vírus não circulava amplamente há dois anos, devido à prevalência do SARS-CoV-2, a proteção natural que as pessoas tinham foi caindo. Aí**



<sup>23</sup> Por que o Rio de Janeiro enfrenta um surto de gripe em pleno verão? (Fabiana Schiavon / Veja Saúde). 8/12/2021.



ele surpreendeu essa população desprotegida. Associado a isso, houve uma baixa adesão à vacina da gripe, que atingiu 53% da meta, que deveria ser de, no mínimo, 70% — avaliou o infectologista Alberto Chebabo, presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) e membro do Comitê Especial de Enfrentamento à Covid-19 da Prefeitura do Rio, em entrevista à revista *Veja Saúde*<sup>23</sup>.

**Casos de covid-19 no município do Rio 2020-2022**  
(Fonte: EPI-Rio/e-SUS VE/SIVEP Gripe)

Em pouco tempo, uma nova situação já podia ser observada: o aumento dos casos de gripe foi apontado pela Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro como epidemia em 9 de dezembro de 2021. Porém, com as ações de resposta adotadas, antes mesmo do final do ano, o número já apresentava queda. Na primeira semana de janeiro de 2022, a cidade tinha 82% casos a menos do que no mesmo período de dezembro<sup>24</sup>.

## O “tsunami” ômicron

Quando a cidade do Rio começava a respirar aliviada pela diminuição dos casos de Influenza, outra preocupação surgia. Em 20 de dezembro de 2021, confirmava-se o primeiro caso de contágio pela variante ômicron. Dez dias depois, no final do ano, já havia em torno de uma centena de casos suspeitos em avaliação.



<sup>24</sup> Casos de gripe estão caindo 'expressivamente' no Rio, diz secretário; Vacinação na capital foi recorde (Cláudia Loureiro / G1). 04/01/2022.



E a curva de casos da doença não deixa dúvidas sobre o avanço acelerado do contágio na cidade. Ao observar o gráfico de evolução da doença desde o início da pandemia, pode-se ver que o período inicial praticamente some diante da onda gigante causada pela nova variante.

Há que se observar, entretanto, que a variante ômicron, além de causar um menor número de casos graves (entre outros fatores, pelo avanço da vacinação), também teve uma onda de menor duração. Após um salto de cerca de 500 casos, até a semana do Natal de 2021, para mais de 35 mil casos no dia 10 de janeiro, o número caiu rapidamente nas quatro semanas seguintes.

E, apesar da menor gravidade e de toda a estruturação que foi realizada ao longo do tempo, a variante ômicron ainda elevou a pressão sobre o sistema de saúde, com aumento expressivo no número de internações por cerca de um mês.

Ao todo, somente em janeiro de 2022, foram registrados mais de 410 mil casos de covid-19, número superior ao

**Ômicron no Rio: cariocas vão aos polos de testagem montados pela Prefeitura | Foto: Edu Kapps**

acumulado em todo o ano de 2021, com 301 mil casos e em 2020, com 221 mil casos. A partir de fevereiro, porém, os números voltaram a cair, retomando, aos poucos, médias móveis de sete dias próximas de uma centena de casos e em torno de uma dezena de casos graves com internação em UTI.

## Foi um rio que passou

Após a queda no número de casos causados pela variante ômicron, a cidade, enfim, pode retirar quase por completo as medidas restritivas. O Decreto Rio Nº 50308, do dia 7 de março de 2022, liberou o uso de máscaras no município. Pouco mais de um mês depois, ainda em abril, caiu, por definitivo, a cobrança do chamado “passaporte da vacina” para acesso aos estabelecimentos e locais públicos.

No Rio, teve carnaval.



Foto: Beth Santos

## EPÍLOGO: VIDA QUE SEGUE

**“Samba,  
Agoniza mas não morre,  
Alguém sempre te socorre,  
Antes do suspiro derradeiro”  
(Nelson Sargento, Agoniza mas não Morre)**

O reflexo do sol forte sobre a águia dourada no topo do Theatro Municipal ofuscou momentaneamente Mariana, que havia acabado de subir a escada da Estação Cinelândia do Metrô. Enquanto tirava a máscara, que agora só usava em espaços fechados, como o transporte público, ela piscou algumas vezes para que as marcas na visão desaparecessem antes de seguir seu caminho rumo à Avenida Rio Branco.

Ao atravessar a rua, os degraus e pilares imponentes da construção a lembraram da avó, Rosa. Como a Vó Rosuca adorava aquela arquitetura! Anos antes, ela tinha trazido a neta para assistir à tradicional apresentação do balé Quebra-Nozes, com a orquestra sinfônica do teatro executando a trilha de Tchaikovsky. Depois, só voltaria a subir aqueles degraus em circunstâncias muito diferentes, sozinha e usando máscara de proteção facial.

Mariana foi vacinada contra a covid-19 no Theatro Municipal no dia 14 de agosto de 2021, aos 23 anos. Rosa não acompanhou a neta no dia da vacinação. Ela foi vítima da covid-19 ainda em 2020.

Lucas não havia parado de dirigir o 910 (linha Bananal/Madureira) em nenhum momento ao longo da pandemia. Diferente de muitos colegas da frota, usava a máscara corretamente (e não sobre o queixo). Todos os dias, antes de ligar o ônibus, passava álcool no volante e na manopla do câmbio. Apesar de todos os cuidados, pegou covid em julho de 2021, dias antes de receber a vacina, aos 43 anos.

Segurou a onda, mas não foi fácil. Os calafrios se alternavam com o suor da febre, e sua respiração emitia um som que o lembrava do motor da viatura. Morava em um conjugado com a mulher e os dois filhos. A esposa e o menino pegaram a doença, mas, graças a Deus, não ficaram tão mal quanto ele. A filha não pegou, ou permaneceu assintomática.

Agora, já em 2022, com todos da família imunizados, os longos dias de tensão no volante por medo do contágio eram uma memória já distante, mas revivida toda vez que alguém tossia dentro do ônibus. Aquilo ficara para trás, mas ainda era parte dele.

Dona Dalva, aos 84 anos, mora sozinha, frequenta o mercado, hortifruti e todos aqueles médicos que a filha marca para ela, e adora assistir documentários de surfe na TV a cabo. Ainda usa máscara nessas incursões, e nem fica mais com o nariz para fora como, admite apenas para si mesma, fez algumas vezes ao longo dos últimos dois anos.

A filha e os netos seguiram com as visitas regulares durante aqueles meses em que a cidade parecia irreconhecível. Inicialmente, ficavam no corredor. Depois, de máscara, arriscavam uma cadeira ao lado da janela aberta. Os netos pegaram covid, a filha, que segue em trabalho remoto, não.

Dalva, com todas as doses da vacina em dia, também segue “invicta”, como gosta de pensar sobre si mesma, do contágio pela doença. Perdeu amigas, conhecidos do Méier e quase perdeu a irmã, que chegou a ser intubada, mas segue na luta contra sequelas da doença. Ela ainda vê, nos olhos de algumas pessoas com quem cruza na rua, um resquício do assombro tão presente no passado recente, mas isso vai ficando cada vez mais raro. Agora, esse assombro é, muitas vezes, substituído por um brilho bem mais agradável. Um brilho que, pra ela, se chama esperança.

*As histórias e nomes das personagens desse epílogo são predominantemente fictícias, e foram incluídas como tributo a todos os cariocas que passaram situações semelhantes durante a pandemia de covid-19.*



***IN MEMORIAM***

Márcio Antônio do Nascimento Silva (1924 - 2022)

Nelson Sargento (1924 - 2021)

Orlando Drummond (1919 - 2021)

E cada uma das 692.652\* vidas brasileiras perdidas em decorrência da covid-19.

\*dados registrados até 24/12/2022.

## Agradecimentos

### Aos gestores

Eduardo Paes

Daniel Soranz

Rodrigo Prado

### Aos subsecretários e presidentes da

Empresa Pública de Saúde do Rio de Janeiro (RIO SAÚDE) e do Instituto Municipal de Vigilância Sanitária, Vigilância de Zoonoses e de Inspeção Agropecuária (IVISA-RIO) e suas equipes

Aline Pinheiro Borges

Ana Luiza F. R. Caldas

Fernanda Adães Britto

Márcio Leal Alves Ferreira

Roberto Rangel

Teresa Cristina Navarro Vannucci

### Aos coordenadores de áreas e suas equipes

Amanda Aparecida Cano

Ana Luiza Machado Pinto

Carla Bianca Teixeira Nunes

Douglas Rodrigues Torres

Jubemar de Medeiros Lima

Leandro de Sant'Ana Abal

Maria Helena Carneiro de Carvalho

Paula de Souza Carneiro

Patrícia Vaz Guimarães Cirigliani

Raphael Costa Pinto

Rosângela Ferreira Frossaud

Thiago Wendel Gonzaga da Silva

Vinícius Ulysséa

Ao Edimilson Ávila e toda imprensa, parceiros empenhados na missão de divulgar informações verdadeiras sobre a vacinação contra a covid-19 e combater as *fake news*.

A todos os cariocas que compareceram aos postos de saúde e se vacinaram, fazendo a sua parte para salvar vidas.

E a todos os trabalhadores e profissionais da saúde pública carioca, que foram fundamentais no enfrentamento à covid-19 na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil.





**Saúde Pública Carioca**



**Rio**  
PREFEITURA

SUS 